

Ao longo dos séculos as igrejas foram perdendo suas características bíblicas, resultado da assimilação de filosofias humanas, tradições religiosas e sincretismos religiosos.

No entanto sempre existiram igrejas que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos e que não se dobraram às dominações de sistemas religiosos heréticos.

Durante séculos foram chamadas de anabatistas (os que rebatizam) pelos seus antagonistas, até que um grupo de crentes assumiu a denominação de Batistas (os batizadores), rejeitando a idéia da existência de um batismo infantil ou sem conversão.

Hoje fazemos parte de igrejas que assumem esta denominação e primamos pela autenticidade da igreja e seus princípios conforme os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos contidos no Novo Testamento. Somos independentes administrativamente, porém interligados doutrinariamente. Não pertencemos a um sistema religioso hierarquizado e buscamos ter Jesus Cristo como nosso único Senhor.

DOUTRINAS BATISTAS I e II, estudos para EBD

Apresentação

Chegamos ao terceiro volume da série de estudos sobre a vida de Jesus, baseados nos quatro Evangelhos.

Tem sido uma tarefa metódica, às vezes cansativa, porém bastante agradável pois tem servido para auxiliar na ampliação da visão a respeito da vida de Jesus, tanto no que concerne aos seus ensinamentos, quanto das suas realizações e acontecimentos relacionados com todo o seu ministério terreno.

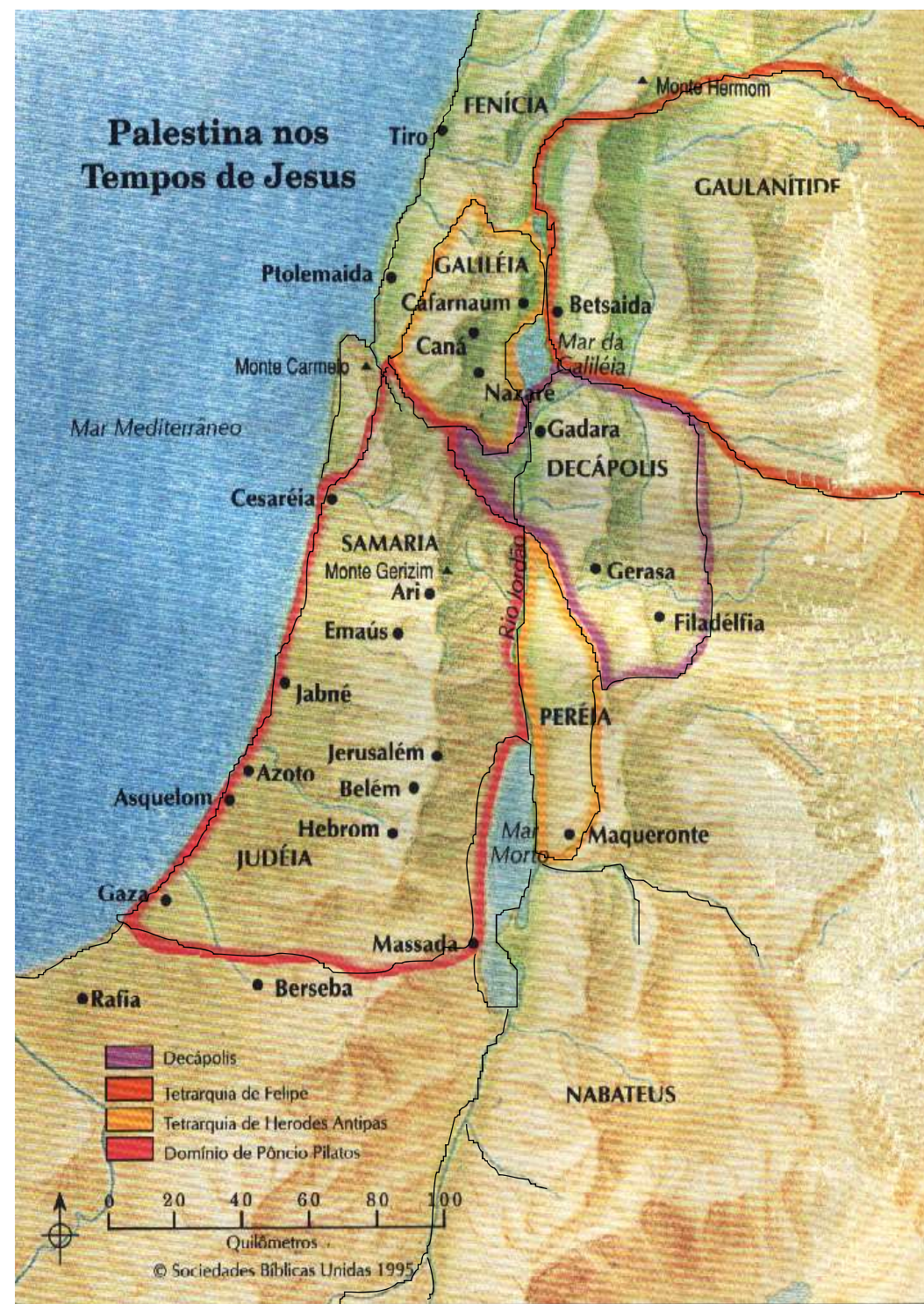
O volume que chega às mãos dos irmãos abrange fatos localizados no segundo ano do ministério de Jesus, todos eles em regiões fora da Judéia. São fatos que aconteceram na Galiléia, em Decápolis, na Fenícia, em Betsaida, durante a grande retirada de Jesus, motivada pela perseguição que os líderes judeus lhe moveram, querendo matá-lo, desencadeada na sua última estada em Jerusalém.

Forçosamente o leitor há de perceber que foi um período em que Jesus realizou muitos milagres, que visitou muitos lugares onde existiam pessoas extremamente necessitadas da sua compaixão e poder, e que reafirmou a sua condição de Filho de Deus, enviado para conceder a salvação, cujas palavras precisam ser ouvidas com atenção, já que é, ele próprio, a manifestação viva da Palavra de Deus.

Esperamos que os leitores se empenhem com o exame dos textos bíblicos e que sejam abençoados com os ensinamentos de Jesus e com a análise dos seus feitos, com a finalidade de um aperfeiçoamento na vida cristã.

Sumário

Estudo 27 - Jesus Regenera um Endemoninhado.....	3
Estudo 28 - Jesus Atende a Estimados e Desprezados....	7
Estudo 29 - Jesus Faz a Última Visita à sua Cidade.....	11
Estudo 30 - A Primeira Missão dos Doze Apóstolos.....	15
Estudo 31 - A Morte do Precursor de Jesus.....	19
Estudo 32 - A Primeira Multiplicação dos Pães.....	23
Estudo 33 - Jesus Anda Sobre o Mar.....	27
Estudo 34 - A Tradição do Homem Invalidando a Palavra de Deus.....	31
Estudo 35 - Jesus se Retira para a Fenícia.....	35
Estudo 36 - O Alerta de Jesus Quanto ao Fermento dos Fariseus e Saduceus.....	39
Estudo 37 - A Visão dos Homens a Respeito de Jesus.....	43
Estudo 38 - A Transfiguração de Jesus.....	47
Estudo 39 - Jesus Expulsa um Demônio que seus	



(Mt 9.15 ver Estudo 16 da revista Estudos Harmoniosos nos Evangelhos II, desta editora).

Na realidade, o que Jesus declarou foi que os seus discípulos não puderam expulsar o demônio por falta de fé e de compaixão pelo jovem e pelo seu pai. Eles quiseram expulsá-lo somente para demonstrar poder e isso fica demonstrado na discussão com os escribas enquanto um pai sofria e pela insistência em saber o motivo pelo qual não puderam expulsar. Faltou fé e compaixão. A falta de fé e de compaixão foi declarada por Jesus desde o início do episódio, quando exprimiu um profundo lamento por ter que suportar aquele povo que classificou como *incrédulo e perverso* (estava incluindo seus discípulos), e foi declarada diretamente aos seus discípulos quando respondeu “por causa da vossa pouca fé” (Mt 17.20) e “esta casta não sai de modo algum, salvo à força de oração e jejum” (Mr 9.29).

Para compreendermos essa declaração final e direta aos seus discípulos, de falta de fé e compaixão, precisamos buscar na mente de Cristo o que ele pensava a respeito de oração e o que pensava a respeito de jejum.

1. Oração. Para Jesus era puro exercício de fé. Ele ensinou assim no chamado Sermão da Montanha, dizendo que a oração deveria ser um ato secreto ao Pai que está em secreto, crendo que o Pai que vê secretamente, dará recompensa (Mt 6.6). Não há exercício maior de fé do que estar sozinho com Deus (que não pode ser visto), falando como que ao ar,

crendo que ele está ouvindo e que atenderá. Tem tudo a ver com Hebreus 11.1: “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem”. Além disso, a fé, através da oração, traz em si um profundo sentimento de dependência de Deus (Hb 11.6). Se não houver dependência não há fé. Os discípulos queriam mostrar seu próprio poder. Erraram pois deveriam ter dependido completamente do poder de Deus.

2. Jejum. Jesus já demonstrara anteriormente que para ele jejum não era um ritual religioso de purificação da alma e de conquista de poder, como os judeus praticavam duas vezes por semana, sem que houvesse na Lei qualquer ordenança divina com essa finalidade. Para Jesus o jejum tinha o mesmo significado estabelecido por Deus no Velho Testamento, o de aflição da alma, de entristecimento profundo. Demonstrou assim quando respondeu aos fariseus, indagado pelo motivo de os seus discípulos não jejuarem. Respondeu: “Podem porventura **andar tristes...**” (Mt 9.15).

Para expulsar aquele demônio os discípulos de Jesus teriam que ter fé e depender completamente de Deus e um profundo sentimento de tristeza pela situação espiritual do jovem endemoninhado.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 17.14-29

Terça - Marcos 9.14-29

Quarta - Lucas 9.37-43

Quinta - Mateus 9.14-17

Sexta - Hebreus 11.1-6

Sábado - Isaías 58

Estudo 27

JESUS REGENERA UM ENDEMONINHADO

Jesus havia pregado à beira do Mar da Galiléia, depois se retirara para casa onde explicou várias parábolas aos seus discípulos. Os evangelistas não registraram todos os momentos do ministério de Jesus e, voltamos a dizer, Mateus não se preocupou nem em narrar os fatos em ordem cronológica. Por isso há um hiato entre o momento em que Jesus estava em casa conversando com os discípulos e o momento em que está novamente com a multidão em torno de si e dá ordens para seus discípulos partirem com ele para o outro lado do mar (Mt 8.18) entrando no barco, cansado, acompanhado de seus discípulos (Mt 8.23; Mr 4.36; Lc 8.23).

Os três evangelistas narram que Jesus adormeceu durante a travessia e que, enquanto dormia, uma grande tempestade se levantou, fazendo com que homens experimentados no mar ficassem apavorados e o acordassem pedindo que os salvasse (Mt 8.25). Também registram que Jesus chamou-lhes a atenção dizendo que tinham pouca fé. Creio

que o fez devido ao fato de estarem com ele e, ao mesmo tempo, estarem com medo da morte. Outro registro que fazem e que nos impressiona é o fato de ter literalmente **repreendido** o vento e o mar, demonstrando ser o Senhor até mesmo de elementos da natureza.

Mas o seu poder, que já havia sido demonstrado de tantas maneiras, ainda seria exercido de forma maravilhosa quando chegassem ao outro lado do mar, pois lá, em uma região que estava defronte da Galiléia (Lc 8.26) e que Mateus chama de Gadara, enquanto que Marcos e Lucas chamam de Gerasa, dois homens terrivelmente endemoninhados, mas principalmente um que é enfocado por Marcos e Lucas, estavam para ter um encontro com Jesus que transformaria suas vidas, regenerando-as completamente, tanto no aspecto físico quando espiritual.

Um acontecimento emocionante, que empolga aqueles que ama a Jesus e ao semelhante, mas que, também, tem pontos que precisam

ser bem compreendidos a fim de tirarmos ensinamentos corretos para nossas vidas e evitarmos idéias errôneas que podem ocorrer.

QUANTOS ERAM OS ENDEMONINHADOS

Mt 8.28; Mr 5.2; Lc 8.27

Já ouvi e já li vários comentários desairosos a respeito da inerrância da Bíblia por causa desses textos. No entanto, não há razão alguma para isso, uma vez que o fato de Mateus focalizar dois endemoninhados e Marcos e Lucas apenas um, não quer dizer que Mateus estivesse errado. Ele fazia parte do grupo dos discípulos que estavam com Cristo e, diante de acontecimentos tão marcantes, nunca se esqueceria de detalhes tão importantes. O que se pode crer é que à partir da expulsão dos demônios, determinados fatos ocorreram somente com um deles e que, por isso, os outros dois evangelistas foram mais detalhistas e enfocaram apenas um.

QUEM FOI ATÉ JESUS

Mr 5.2; Lc 8.27

Certamente não foram os demônios, mas o homem, em um lapso de lucidez e domínio próprio de sua mente que, por algum motivo e talvez, impulsionado pelo próprio Espírito de Deus, reconheceu em Jesus a sua possibilidade de libertação.

A afirmação de que era o próprio homem e não os demônios prende-se ao fato de ter **adorado** a Jesus. Os demônios nunca o fariam. Alguns argumentam que a referência à adoração seria apenas força de expressão, mas, para o judeu a adoração prostrado diante de um ser era algo bem definido e marcante. O homem correu para Jesus, o homem adorou a Jesus, querendo a sua libertação.

Alguns detalhes a respeito do endemoninhado são impressionantes e demonstram o grau de aprisionamento e de degeneração física, social e espiritual que se encontrava:

1. Apesar de ser um homem da cidade, há muito morava nos sepulcros e não vestia roupa alguma (Mt 3.3; Lc 8.27). Deixara sua casa, o convívio com os seus familiares e vivia em lugares tétricos, onde não existiam pessoas. Viver sem roupas demonstra o grau de degeneração moral que experimentava.

2. Era um homem desesperado, que vivia a gritar pelos montes e a ferir-se com pedras (Mt 8.28; Mr 5.5; Lc 8.29). Gritava de dia e de noite e violentava seu próprio corpo.

3. Era um homem feroz contra seus semelhantes (Mt 8.28). Ninguém podia passar por onde morava, sob pena de sofrer agressões. Não era a sociedade que o rejeitava, mas era

b) Clamou por compaixão e declarou a sua fé em Jesus (Mr 9.22-24; Lc 9.38), apesar de reconhecer-se incrédulo; não assumindo atitude de arrogância, de uma fé falsa, ou de exigência de atendimento.

COMO JESUS EXPULSOU O DEMÔNIO

Conforme os textos, era um demônio difícil de ser expulso. Um ser desesperado, possessivo, obstinado em destruir o rapaz, lançando-o na água e no fogo com esta finalidade (Mr 9.22). Era, também, um ser maligno de grande rebeldia contra o Senhor Jesus, pois, ao vê-lo, não fez como outros que clamaram e se desesperaram, porém, como que em um desafio, apossou-se do rapaz e o lançou por terra, em convulsões.

Talvez os discípulos de Jesus, os escribas e a multidão esperassem assistir a uma tremenda batalha espiritual, mas isso não aconteceu. Jesus simplesmente repreendeu o espírito imundo, **ordenando-lhe** que saísse e não voltasse mais (Mr 9.25; Mt 17.18; Lc 9.42). Bastou essa ordem para que o espírito fosse embora, deixando o jovem em paz. Jesus expulsou o demônio pelo seu poder de Filho de Deus. Por isso pode ordenar ao demônio que saísse.

POR QUE OS DISCÍPULOS NÃO PUDEAM EXPULSAR O DEMÔNIO

Essa pergunta foi feita a Jesus pelos próprios discípulos, foi respon-

dida por ele de maneira objetiva e a resposta tem sido mal interpretada em nossos dias, principalmente por aqueles que gostam de incentivar a prática do jejum como método de obtenção de poder espiritual. Vamos observar se isso é verdadeiro.

A pergunta dos discípulos e a resposta de Jesus são registradas somente pelos evangelistas Mateus e Marcos. Mateus registra que Jesus afirmou que seus discípulos não puderam expulsar o demônio por causa da fé insuficiente (Mt 17.20) e Marcos registra que Jesus afirmou que foi porque aquela casta de demônios só sairia com oração e jejum (Mr 9.29). O que isto quereria dizer? Que os discípulos deveriam ter feito uma corrente de oração e deviam ter “declarado” um jejum, ficando longo período sem comer, para que seus aparelhos digestivos estivessem esvaziados e, somente aí, ordenassem ao demônio que saísse? Estaria Jesus, ali, instruindo seus discípulos a respeito da necessidade de jejuarem sempre para poderem vencer batalhas espirituais? Certamente que não. Nada disso é encontrado neste texto. Se estivesse instruindo seus discípulos à prática do jejum, ou repreendendo-os por não praticarem o jejum, estaria se contradizendo, uma vez que apoiou seus discípulos quando os fariseus o procuraram perguntando porque eles não jejuavam e declarou que eles o fariam somente quando o noivo (ele próprio, Jesus) fosse retirado do meio deles, em uma referência à sua crucificação

de conceitos pré-concebidos e com profundo desejo de conhecer a verdade bíblica, colocando-a acima de sentimentos e experiências pessoais, porque, analisado superficialmente ou sob o peso de pensamentos pré-existent, tem sido alvo de discussões teológicas profundas e divergentes e, também, tem servido de base para comportamentos religiosos místicos, completamente distanciados do cristianismo, no que concerne ao incentivo da prática do jejum. Quanto às discussões teológicas, duas correntes o utilizam para assumirem posições diametralmente opostas: 1) Os que não crêem na existência e ação de demônios em seres humanos, afirmam que o rapaz era apenas epilético e que Jesus, conhecendo a enfermidade, teria apenas encenado uma cura a fim de impressionar a multidão. 2) Os adeptos do neo-pentecostalismo, com misticismo exacerbado, aproveitam a tradução adulterada “epilético”, para afirmar que todo epilético é endemoninhado.

Como já pudemos ver e ainda veremos na análise do texto, nenhuma das duas correntes têm razão. O que Jesus fez foi, de fato, expulsar um demônio de um rapaz que, ao sair o demônio, ficou curado e, certamente, não era um epilético.

PORQUE JESUS EXPULSOU O DEMÔNIO

Primeiramente devemos lembrar que Jesus estava sempre disposto a expulsar demônios daqueles que o

procuravam ou que lhe eram trazidos. Era uma luta que era sua, pessoal. O ser humano é criatura de Deus através de Jesus Cristo (Jô 1.3; Cl 1.16) e, de forma alguma, ele se acomodou a situações de sofrimentos por parte de suas criaturas. Sempre que houve possibilidade, por amor e justiça, Jesus curou enfermos e expulsou demônios.

Este é um episódio onde houve oportunidade de manifestar o seu amor ao ser humano e o seu poder sobre as forças malignas. A oportunidade surgiu através do pai do menino que manifestou as seguintes atitudes:

1. Tinha profundo sentimento de amor pelo filho - Mt 17.15; Mr 9.22; Lc 9.38,39. A sua declaração de que era seu único filho; a de que o filho sofria muito; e o clamor “tem compaixão de **nós**” demonstram o seu sofrimento gerado pelo sentimento de amor pelo filho que passava por tão terríveis situações nas mãos do maligno.

2. Levou o rapaz até Jesus - Mr 9.17. Não levou aos discípulos, mas a Jesus. Procurou quem ele sabia ter poder contra as forças do mal. Como não encontrou Jesus, então, pediu aos discípulos que expulsassem o demônio, como um substitutivo.

3. Clamou a Jesus Cristo por ajuda Seu clamor envolveu sentimentos para com Jesus que foram eficazes para que este o atendesse: a) *Reconheceu a divindade de Jesus* (Mt 17.14,15) ao ajoelhar-se diante dele, adorando-o e ao chamá-lo de Senhor.

ele quem rejeitava a sociedade, agredindo seus semelhantes.

O HOMEM QUE OS GERASENOS VIRAM APÓS A ATUAÇÃO DE JESUS

Mt 8.29-34; Mr 5.8-17; Lc 8.30-37

A sua corrida até Jesus e a sua adoração, mesmo que tão momentânea até que os demônios dominaram novamente a sua mente, permitiram que Jesus transformasse completamente a sua vida. Imediatamente ordenou aos demônios que se retirassem do homem e o deixassem em paz. Isto, de fato, aconteceu mesmo que sob os protestos dos demônios e o apelo para continuarem a sua obra de destruição em uma manada de porcos que estava por ali, a qual destruíram completamente. Aquele homem que vivia em completo desespero, de maneira indigna de um ser humano, separado da sociedade pela sua ferocidade, foi visto pelos habitantes de Gadara:

1. Sentado aos pés de Jesus - Lc 8.35. Marcos diz apenas que estava sentado, mas Lucas faz questão de dizer que estava aos pés de Jesus. Não era mais aquele homem que corria pelos montes, desesperado, todo o tempo. Além disso se fizera discípulo de Cristo (Lc 8.38; Mr 5.18) e estava ali, à sua disposição, em uma demonstração silenciosa de dependência.

2. Vestido - Mr 5.15; Lc 8.35. Lucas registrou que o homem há muito não vestia roupa (Lc 8.27). Se a sua ferocidade o tornava um ser temeroso para a sociedade, a falta de vestimentas o tornava indigno do convívio com seus familiares e cidadãos. Mas agora estava vestido, com a sua dignidade outorgada por Jesus.

3. De posse de perfeito juízo - Mr 5.15; Lc 8.35. Estava de posse da sua mente. Ela não era mais possuída por seres malignos que faziam com que habitasse em lugares lúgubres (Lc 8.27), que o impeliam para lugares onde nunca gostaria de estar (Lc 8.29), que faziam com que vivesse em desespero (Mr 5.5), e que destruísse seu próprio corpo (Mr 5.5). Com sua mente podia querer estar com Jesus, podia até mesmo, se tornar uma testemunha do evangelho de Jesus Cristo (Mr. 5.19,20; Lc 8.39).

O EFEITO NOS GERASENOS

Mt 8.34; Mr 5.17; Lc 8.37

Se por um lado a atuação de Jesus libertou e regenerou a vida do gadareno, por outro, serviu somente para o endurecimento do coração dos habitantes daquela região e para a rejeição do Filho de Deus.

Foram chamados da cidade e dos campos para ver o que acontecera aos seus porcos. Chegando ao lugar se depararam com a cena da regene-

ração do homem que tanto aterrozizou os habitantes da região, mas, certamente, também se depararam com a cena dos milhares de porcos mortos no mar (Mt 8.32; Mr 5.13; Lc 8.33). Marcos e Lucas registram que o povo foi tomado de grande medo e pediu que Jesus se retirasse dali. Medo de que? De que regenerasse pessoas? Certamente que não. Medo de que destruísse seus bens, suas criações de porcos. Preferiram ficar com os porcos e rejeitar a Jesus.

Existem várias conjecturas a respeito do motivo pelo qual Jesus teria permitido que os demônios entrassem nos porcos. Uma delas é a de que Jesus fraquejou em seu poder. Não é verdade, pois os Evangelhos são claros em registrar que os demônios **rogaram** a Jesus. Ele permitiu de posse do seu poder. A outra conjectura é a de que Jesus estaria impingindo um castigo por criarem animais cujo consumo era proibido por Deus. Também não é verdade pois a região de Decápolis era habitada, na sua grande maioria, por pessoas de origem grega, gentílica, que não professavam o judaísmo. Eu creio firmemente que Jesus permitiu exatamente para provocar uma cena que fizesse com que o povo fosse obrigado a escolher entre o Filho de Deus e os seus bens materiais. O responsável pelas duas cenas era Jesus Cristo: a morte dos porcos e a restauração do

homem. Eles preferiram rejeitar o que restauraria, também, as suas vidas, porque se não eram possuídos pelos demônios eram fortemente influenciados. Daí os demônios rogarem a Jesus que não os enviasse para fora daquela região (Mr 5.10).

CONCLUSÃO

Tudo o que Jesus fez durante seu ministério aqui no mundo teve um propósito definido. Quando atravessou o Mar da Galiléia para o outro lado, certamente sabia que havia lá um homem que precisava imensamente dele; quando permitiu que os demônios entrassem nos porcos sabia que a população veria a destruição dos animais e confrontaria com a restauração do homem e teria que tomar uma posição quanto a ele, Jesus.

Rejeitado, retirou-se do lugar sem questionar, deixando aquelas pessoas à própria sorte, sob a influência do maligno, mas deixou lá uma testemunha fiel para anunciar o quanto Deus fizera por ele.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 8.18-27

Terça - Mateus 8.28-34

Quarta - Marcos 4.35-40

Quinta - Marcos 5.1-20

Sexta - Lucas 8.22-25

Sábado - Lucas 8.26-39

Estudo 39

JESUS EXPULSA UM DEMÔNIO QUE SEUS DISCÍPULOS NÃO PUDERAM EXPULSAR

Jesus retornava do monte onde subira no dia anterior acompanhado somente de três dos seus apóstolos, Pedro, Tiago e João, e onde acontecera a sua transfiguração, quando, repentinamente, observou uma cena preocupante: escribas discutiam com seus discípulos e uma grande multidão os rodeava. Ao que parece, unindo os relatos de Mateus, Marcos e Lucas, tanto Jesus se dirigiu à multidão, quanto esta se dirigiu a Jesus e, com eles, os discípulos e os escribas. Logo que ficaram aproximados, como bom e cuidadoso Mestre, Jesus indagou aos escribas o que estavam a discutir com seus discípulos. Quem lhe respondeu não foi um dos escribas, porém um homem aflito que se colocou diante dele, ajoelhado, e lhe explicou que havia trazido seu filho para Jesus (Mr 9.17) porque era lunático (não epilético, como consta em algumas versões tendenciosas cujos tradutores estabeleceram um diagnóstico de uma enfermidade por causa dos efeitos da possessão descrita pelo pai do rapaz; a palavra grega no texto de Mt 17.15 é *seleniazomai*, derivada de *selene* que

significa *lua* e a tradução correta é *lunático*, de fato). O homem havia se apresentado aos discípulos de Cristo, com rogos (Lc 9.40), mas estes não puderam curá-lo. Além da explicação, fez uma súplica, pedindo a Jesus que tivesse compaixão, olhando por ele, porque era seu único filho (Mt 17.15; Lc 9.38).

Imediatamente Jesus mandou que o rapaz fosse trazido até ele e quando foi trazido e viu a Jesus, o **espírito maligno** (Mr 9.20) imediatamente o convulsionou e lançou ao chão, espumando e revolvendo-se. Jesus, então, atendendo a novo pedido do pai, repreendeu o demônio (Mt 17.18; Mr 9.25; Lc 9.42) que saiu do menino após gritar e agitá-lo, e entregou-o ao pai pessoalmente. Após retirarem-se, quando entrou em casa, seus discípulos indagaram o motivo pelo qual não puderam expulsar o demônio e Jesus respondeu que era por causa da pouca fé dos seus discípulos (Mt 17.20) e afirmou que aquela casta de demônios só poderia ser expulsa à força de oração e jejum.

Este episódio deve ser analisado com isenção de ânimo, com abandono

escolhido; b) Ele, o Pai, tem prazer no seu Filho, Jesus; c) Os discípulos de Jesus têm que dar ouvidos a ele.

Que significado teria isso para a humanidade, principalmente para aqueles que se fizeram discípulos de Cristo? Primeiramente o significado do testemunho de três homens idôneos que ouviram, juntos, a voz do próprio Deus afirmando que Jesus não era um homem como outro qualquer, com a natureza humana somente. Jesus **era o próprio Filho de Deus**. Em seguida, a afirmativa de que Jesus é o Filho **amado** (conf. Mt e Mr), **escolhido** (conf. Lc), em quem estava o **prazer** do Pai, demonstrando que o que aconteceria com Jesus, que era o teor da conversa dele com Elias e Moisés, era resultado de um amor imenso pela humanidade, porquanto Deus escolhera seu único Filho, em quem tinha seu prazer, para ser sacrificado em favor da humanidade. Finalmente, o significado de uma ordem divina, direta aos discípulos de Cristo, para que **dêem ouvidos** ao Filho de Deus. De nada adiantaria Jesus ter vindo ao mundo, ter entregado a sua vida em sacrifício pela humanidade, ter ressuscitado gloriosamente, ter voltado ao céu, se ninguém desse ouvidos às suas palavras. A salvação só se realiza na vida daquelas pessoas que dão ouvidos às palavras de Cristo (Jo 5.24). Ninguém pode ser

verdadeiramente discípulo de Cristo se não lhe der ouvidos (Jo 8.31). A fé em Cristo só acontece na vida do homem quando este dá ouvidos e crê na palavra de Cristo. Uma crença sábia porém humilde, que leve o discípulo **a obedecer** às ordens do seu Mestre, como aconteceu logo depois, ao descender do monte, quando o Senhor lhes ordenou que não contassem nada a ninguém e eles obedeceram (Mt 17.9; Mr 9.10); que leve o discípulo **a perguntar** ao seu Mestre a respeito de coisas que parecem impossíveis aos homens (Mt 17.10-13; Mr 9.11-13) ao invés de ficar conjecturando através de filosofias humanas inúteis que não conseguem, de fato, decifrar as coisas espirituais.

CONCLUSÃO

Diante do registro histórico do episódio da transfiguração de Jesus só nos cabe reconhecer ou confirmar em nossos corações que Jesus é o Filho de Deus, nos alegrarmos pela salvação que nos destina à cidade celestial e nos humilhamos aceitando as palavras de Cristo como sendo ordenanças e ensinamentos suficientes para uma vida feliz e de comunhão com o Pai.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 17.1-13
Terça - Marcos 9.2-13
Quarta - Lucas 9.28-36
Quinta - Apocalipse 1.9-17
Sexta - João 5.1-24
Sábado - João 8.31-38

Estudo 28

JESUS ATENDE A ESTIMADOS E DESPREZADOS

Depois de libertar os endemoninhados na região de Gadara, Jesus, atendendo ao apelo dos moradores, entrou no barco e voltou ao ponto de partida, à cidade de Cafarnaum, atravessando novamente o mar da Galiléia. Lucas informa que quando Jesus chegou a multidão estava esperando e Marcos afirma que Jesus ainda estava à beira do mar e que uma grande multidão ajuntou-se a ele.

Através desses registros compreendemos pelo menos duas coisas: que os feitos anteriores de Jesus foram extremamente marcantes para o povo e que, por isso, estavam vívidos na mente das pessoas; e que a estadia de Jesus no outro lado fora relativamente breve.

JESUS ATENDE A UM CHEFE DASINAGOGA

Mt 9.18-19,23-26; Mr 5.21-24,35-43; Lc 8.40-42,49-56

Dentre tantas pessoas que se aglomeravam em torno de Jesus,

uma se aproximou e chamou a sua atenção: um homem muito conhecido e, certamente, muito estimado da população daquela região, pois era (conforme Lucas) o chefe da sinagoga naquele lugar. Marcos utilizou uma palavra grega diferente dos outros evangelistas (*archisunagogos*) que dá uma idéia da importância do homem, pois significa o líder maior, o que supervisionava o trabalho de todos os que ensinavam na sinagoga.

No entanto, não foi a posição sócio-religiosa do homem que chamou a atenção de Jesus, porém suas atitudes extremas e que demonstravam seu coração.

1. Prostrou-se aos pés de Jesus, adorando-o - *Mt 9.18; Mr 5.22; Lc 8.41*. Atitudes difíceis para um homem da sua posição. Para fazer isso precisou reconhecer que Jesus era superior a ele e, mais ainda, que Jesus era o próprio Deus. Judeus, após o exílio babilônico, se firmaram em adorar unicamente a Deus,

e a classe de Jairo, de líderes religiosos judeus, não reconheciam Jesus como o Filho de Deus, com a sua mesma natureza divina. Jairo estava tendo a humildade de romper com as crenças de sua classe e de reconhecer a divindade de Jesus.

2. Implorou o socorro de Jesus - Mt 9.18; Mr 5.23; Lc 8.41,42. O socorro não era para si próprio, porém para sua filha, de cerca de doze anos, que estava à morte. Implorou que Jesus fosse com ele e que a fizesse viver, impondo-lhe as mãos. A sua atitude de desespero e a insistência com Jesus, mostrava que ele não tinha mais qualquer esperança, a não ser em Cristo.

Essas atitudes moveram o coração de Jesus, que se colocou à caminho com ele em direção à sua casa. Pelo que podemos observar no texto, prontificou-se em atender à sua súplica e, também, colocou-se como seu consolador. No momento em que pessoas tentavam fazer com que desistisse do socorro de Jesus (Mr 5.35; Lc 8.49), com a notícia de que estava morta e, crendo eles que não havia mais solução, o Senhor percebeu o que acontecia e disse-lhe que não temesse e que somente crescesse porque sua filha seria salva (Mr 5.36; Lc 8.50). Foi o seu consolador, aquele que foi junto e que transmitiu ânimo e fé naquele a quem acompanhava.

No atendimento à súplica teve atitudes que merecem a nossa aten-

ção, pois nos fazem conhecer o poder e o caráter de Jesus:

a) *Ele foi atendendo ao pedido de uma única pessoa.* Rodeado por tantos, Jesus deu atenção a uma pessoa que se colocou aos seus pés, pedindo socorro. Sua atitude demonstra o valor que o indivíduo tem para ele.

b) *Não deixou que houvesse uma aglomeração de pessoas dentro da casa.* Permitiu que apenas três dos seus discípulos, além do pai e da mãe da menina, estivessem presentes. Mandou que todos saíssem, avisando que a menina não estava morta, porém apenas dormia. Existem muitas especulações a respeito do motivo pelo qual os teria expulsado do lugar, mas creio que o fez por dois motivos: não buscava sensacionalismo (Jesus proibiu que seus pais contassem como ressuscitara a menina) e aquelas pessoas não tinham um mínimo de fé em seu poder. Isso ficou demonstrado no registro da zombaria que fizeram das suas palavras a respeito de a menina estar dormindo. De que adiantariam pessoas incrédulas ali, naquele momento de tanta aflição para o pai e a mãe?

c) *Falou à menina morta, ordenando que se levantasse, fazendo com que seu espírito voltasse ao corpo.* Demonstrou o seu poder sobrenatural para dar a vida mesmo a pessoas que já passaram pela experiência da morte.

No momento da transfiguração foi formado um quadro vivo que deixou à mostra algumas outras realidades celestiais:

1. A identidade do ser pessoal de quem é salvo é mantida nos céus. A nossa individualidade, a nossa personalidade essencial é mantida. Para o judeu o nome representava o ser na sua essência e note-se que Moisés continuou a ser Moisés no céu e que Elias também continuou a ser Elias. Certamente o Senhor Jesus, ao conversar com eles os chamava por seus nomes. Não fosse assim, como Pedro, Tiago e João poderiam saber quem era, se já se depararam com a cena quando acordaram? É certo que, boquiabertos, ficaram a ouvir a conversa. A prova disso é que sabiam do que falavam (Lc 9.31).

2. Os salvos mantêm a consciência das realidades do reino de Deus. No céu não existem “zumbis” ou seres automatizados sem raciocínio e alienados das coisas a respeito do reino de Deus. Em poucas palavras Lucas deixa essa realidade registrada quando afirma que **falavam da partida de Cristo que estava para acontecer em Jerusalém.** Ao que parece, de repente Jesus se viu no céu (deve ser registrado que ele estava orando Lc 9.29) parlando com seus servos do passado, conversando a respeito da sua morte, ressurreição e retorno ao céu.

Moisés e Elias estavam no céu participando do que acontecia com respeito do cumprimento do plano de Deus para a salvação do homem. Plano do qual eles fizeram parte ativa no período do Velho Testamento.

3. A glória celestial é tão maravilhosa que faz com que os crentes em Cristo desejem permanecer nela para sempre. A palavra súbita e impensada de Pedro demonstra isso. Acordou, viu a glória divina de Cristo, viu a presença dos grandes profetas do passado, ouviu a conversa e não pensou mais em voltar. Esqueceu-se de todos os companheiros e até de sua família. Ali, naquele lugar onde Deus estava presente, era muito bom. Por que voltar? Por que sair dali? Pedro nem se preocupou com seu próprio abrigo. Só queria fazer abrigos para os três e ficar ali desfrutando daquela realidade celestial, maravilhosa, que nunca vira.

O FILHO DE DEUS PRECISA SER OUVIDO

Mt 17.5-13; Mr 9.7-13; Lc 9.35,36

Enquanto Moisés e Elias se apartavam de Jesus e Pedro falava com Cristo em ficar ali, uma nuvem resplandecente cobriu a todos. Era a glória de Deus que tomava conta do lugar. Mas não foi uma manifestação silenciosa porque o próprio Deus Pai fez ouvir a sua voz dizendo que: a) Jesus é o seu Filho amado e

tassem e não tivessem medo. Eles levantaram os olhos e não viram mais ninguém, a não ser Jesus sozinho.

Iniciaram a descida e Jesus ordenou-lhes que não contassem a ninguém sobre o acontecido, até que o Filho do homem (ele próprio) fosse levantado dentre os mortos. Essa ordem desencadeou dúvidas nas mentes dos três apóstolos, que giravam a respeito da ressurreição de Elias.

Do episódio da transfiguração e dos ensinamentos de Jesus, podemos destacar o seguinte:

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS MANIFESTOU A SUA NATUREZA DIVINA

Mt 17.2; Mr 9.3; Lc 9.29

Talvez motivado pela sua natureza de pecado o homem sempre tem a tendência de olhar para Jesus somente como um homem. Isso não acontece somente em nossos tempos; já acontecia nos tempos de Jesus. Para confirmação do que é afirmado, é só observarmos a intensidade da revolta e da incredulidade dos judeus quando Jesus afirmava ser o Filho de Deus.

Os discípulos de Jesus não eram exceção. Por certo o reconheciam como alguém muito especial, vindo de Deus, mas até a sua ressurreição sempre tiveram dificuldades em vê-

lo como divino, como o Filho de Deus.

A transfiguração de Jesus manifestou a pelo menos três dos seus discípulos que ele era realmente divino, que tinha uma natureza pré-existente, essencialmente diferente da humana, de uma glória inigualável. O surgimento dessa natureza gloriosa, divina, fez com que o seu resplendor fosse manifestado em uma visão indescritível. Seu rosto tinha um brilho tão intenso quanto o sol e suas vestes eram tão brancas que resplandeciam como a luz. Nenhum homem poderia ter essa aparência.

NO MOMENTO DA TRANSFIGURAÇÃO FORAM MANIFESTADAS REALIDADES CELESTIAIS

Mt 17.3; Mr 9.4; Lc 9.30,31

Certamente a Bíblia não nos revela todas as realidades celestiais, porém, somente algumas. Mas as que nos são reveladas são confortantes e nos deixam plenos de esperança e alegria pela salvação. Por palavras de Jesus registradas nos Evangelhos sabemos que o céu é um paraíso, que é o lugar onde ele está e onde estaremos juntos com ele. Pela visão do Apocalipse sabemos que é um lugar maravilhoso, cheio de resplendor, onde não existem dores, tristezas, aflições, pecados e tudo o mais que nos faz sofrer tanto neste mundo.

d) Tomou a menina pela mão e entregou a seus pais. Cuidou pessoalmente da menina e de seus pais. Da menina cuidou da vida, da alma e do corpo; dos pais cuidou da alma sofrida com a perda da sua filha única. Aquele em quem Jairo confiara tomou a sua filha, viva, pela mão e a devolveu sã e salva. Que conforto maior poderia haver para os corações daqueles pais?

JESUS SALVA A VIDA DE UMA MULHER DESPREZADA

Mt 9.20-22; Mr 5.25-34; Lc 8.43-48

Enquanto atendia ao chefe da sinagoga, dirigindo-se à sua casa, Jesus foi abordado, sem o saber, por uma mulher que estava muito enferma, quase à morte. Era uma pessoa que estava em situação bastante diferente de Jairo, pois era completamente desprezada pela sociedade. Sendo uma mulher acometida de hemorragia, era considerada impura e, sendo considerada assim, não podia tocar nada que fosse considerado santo e tinha que ficar isolada até que seu fluxo de sangue estancasse (Lv 12.2-5). Mas o fluxo dela já durava 12 anos. Não podia entrar no templo nem na sinagoga; não podia oferecer sacrifícios, não podia fazer orações, não podia chegar até os sacerdotes.

A mulher aproximou-se de Jesus por trás dele, talvez com medo de ser percebida e expulsa. Tocou na orla

de suas vestes, o que significa que estava ao nível dos seus pés, talvez agachada. Procurou tocar nas vestes de Jesus e, pelo relato de Mateus e Marcos, dizia para consigo própria que se fizesse somente isto, ficaria curada.

Tocou e, de fato, ficou curada. Mas Jesus sentiu que alguém lhe tocara, sentindo que dele saía poder. Procurou quem o fizera (o que demonstra que tão logo tocou em Jesus, se escondeu dele) e a mulher se apresentou, prostrando-se diante dele. As palavras de Jesus, novamente nos deixam maravilhados:

1. Ele a confortou - Mt 9.22. Estava completamente atemorizada pelo que fizera. Reconhecendo o poder divino e a santidade de Jesus, mesmo sendo proibida, tocou em seus vestidos; aflita com a enfermidade que tirara os seus bens e que tirava a sua vida, misturou-se no meio do povo, pensando que seu ato passaria despercebido. Agora estava diante do dilema de atender ou não ao chamado de Jesus que, insistentemente chamava por ela. Apresentou-se completamente combatida em seu espírito e a palavra de Jesus foi oportuna porque, certamente, deu-lhe ânimo.

2. Sendo o próprio Deus, considerou-a como filha. Todos os três evangelistas registram que Jesus se dirigiu à mulher chamando-a de

“filha”. A palavra de Jesus sempre foi sincera, completamente isenta de falsidades, e seu tratamento demonstrou que ela, por ter ido a Jesus, rompiu barreiras pessoais e sociais tão difíceis, por ter confiado totalmente nele, foi feita filha de Deus (João 1.12) apesar de todas as suas dificuldades, apesar de a sociedade não lhe dar qualquer valor.

3. Concedeu-lhe a salvação. A mulher já sabia que havia sido curada. Sentira isso em seu corpo no momento em que a hemorragia foi estancada (Mr 5.29,33). Mas a sua fé era intensa, real e direcionada corretamente ao Filho de Deus, àquele que veio ao mundo para dar a salvação (Jo 3.16; Lc 19.10). Jesus, então, mediante a fé da mulher, deu-lhe a salvação, completando o que já havia realizado na sua vida.

4. Reintegrou-a à sociedade. Ao dizer “vai-te em paz”, Jesus estava reintegrando aquela mulher à sua família, aos seus concidadãos e, até mesmo, à prática do culto a Deus. Ela podia ir em paz porque a sua alma estava salva e porque o seu corpo também estava curado. Não precisava mais se misturar às escondidas entre o povo, não precisava mais se aproximar do Filho de Deus às escondidas, não precisava mais ter medo quando alguém a repreendia por estar entre as pessoas. Podia viver em completa paz.

CONCLUSÃO

Jesus não olha para as pessoas como a sociedade olha. Ele não é movido por posições sociais ou religiosas, mas se deixa comover unicamente pela fé dos que o procuram. Sejam religiosos queridos, ou sejam pessoas que estão à margem da sociedade, desprezadas, todos os que o buscarem com fé, confiando que é o Filho de Deus, que atende aos cansados e oprimidos, são atendidos de acordo com a sua vontade e poder divino.

Ele quer dar a vida a todos que o buscam. Ele salva o homem por completo, transformando, restaurando, devolvendo a condição de convivência com seus semelhantes e de comunhão com Deus. Faz isso com simplicidade, sem estardalhaços, sem rituais ou obrigações religiosas criadas por homens, que, diante da morte de nada adiantam e servem somente para demonstrar a incapacidade humana de perpetuar a vida.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 9.18-26
Terça - Marcos 5.21-24; 35-43
Quarta - Marcos 5.25-34
Quinta - Lucas 8.40-56
Sexta - Levítico 12
Sábado - Romanos 2.1-12

Estudo 38

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Textos: Mateus 17.1-13; Marcos 9.2-13; Lucas 9.28-36

Fazia pouco tempo que Jesus enviara seus doze apóstolos, de dois em dois, pelas vilas e cidades da Galiléia, que multiplicara pães e peixes para mais de cinco mil pessoas, que multiplicara novamente pães e peixes para outra multidão de mais de quatro mil pessoas, e que ouvira de Pedro o reconhecimento de que ele, Jesus, era o Cristo, o Filho do Deus vivo. Lucas diz que faziam oito dias do episódio da confissão de Pedro e, certamente, tudo isto estava muito vivo nas mentes dos seus discípulos.

De acordo com S.L.Watson e W.E.Allen (op.cit. Pág. 91) Jesus estava em território de Herodes Filipe, a nordeste do mar da Galiléia, na região de Cesaréia de Filipe e, em determinado momento separou Pedro, Tiago e João para estar a sós com ele, e se dirigiu a um alto monte para orar (pela região pode-se deduzir que seria o monte Hermon).

Enquanto orava seu rosto mudou de aparência (Lc 9.29) e tornou-se resplandecente como o sol (Mt

17.2). Suas vestes também foram transformadas e tornaram-se extremamente brancas e resplandecentes (Mr 9.3). Ao mesmo tempo em que foi transfigurado, apareceram dois grandes profetas dos judeus, Moisés e Elias, conversando com Jesus.

Pedro e os outros dois apóstolos estavam dormindo quando isso aconteceu e, quando acordaram já encontraram aquele quadro diante de si. Pedro, sem saber o que dizer (Mr 9.6), quando já os dois profetas se retiravam, disse a Jesus que era bom estarem ali e que deveriam fazer três cabanas: para Jesus, Moisés e Elias. Enquanto Pedro ainda falava (Lc 9.34) todos foram cobertos por uma nuvem da qual saiu a voz de Deus que dizia: “Este é o meu Filho amado, o meu eleito, em quem tenho o meu prazer; a ele ouvi.”

Percebendo que era o próprio Deus quem falava, os três caíram com o rosto em terra e ficaram assim, cheios de temor (Mt 17.6). Mas, Jesus chegou-se a eles e tocando-os mandou que se levantassem.

uma pedra. Dura, resistente, porém com condições de ser removida de uma para outra parte. Não foi isso que Jesus disse a ele, literalmente, conforme está registrado em João 21.18? Esse é o significado da palavra *petros* na língua grega: Uma pedra; grande ou pequena, porém solta, removível.

Ao falar do fundamento da sua igreja, no entanto, o Senhor Jesus utilizou a expressão *petra* que significa *rocha, montanha formada de rocha, solo de rocha*. Bem diferente, não? Enquanto o apóstolo era uma pedra, que poderia ser retirada, arrastada, transportada, a igreja de Cristo estaria fundamentada em uma base sólida de rocha irremovível. Tão firme que as portas do inferno não conseguirão derrotá-la e tragá-la.

2. É a visão que permite aos discípulos de Cristo servir de elo de ligação da humanidade com o reino celestial - v. 19. Ter a convicção de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo que foi enviado ao mundo, que deu a sua vida para salvar o homem do seu pecado e, conseqüentemente, da morte eterna, é a chave que foi dada por Jesus para que seus discípulos pudessem exercer a mediação entre o homem e Cristo. Não uma mediação mística, mas uma mediação através da anunciação do evangelho da salvação em Jesus Cristo. Não é o que encontramos na última ordem de Jesus aos seus discípulos? *“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo.”* (Mr 16.15,16)

Li, em certa ocasião, um adesivo no vidro de um carro que dizia: “A Jesus por Maria.” A frase está completamente errada, porque o homem vai a Jesus através dos discípulos dele quando anunciam o evangelho da salvação. Como poderiam anunciar, permitindo ao homem crer no Filho de Deus, se não tivessem a visão de que Jesus é o enviado de Deus para dar a salvação? É certo que nunca conseguiriam formar o elo de ligação entre o material e o espiritual.

Longe de proferir uma frase de efeito místico, concedendo poder sobrenatural ao seu apóstolo, o Senhor estava avisando da responsabilidade de anunciar o Filho de Deus como o Salvador. Pregando corretamente, possibilita a ligação nos céus; pregando incorretamente, impossibilita a ligação nos céus. As chaves do reino foram dadas: a ordem de ir por todo o mundo e pregar o evangelho. Cabe aos discípulos utilizá-la corretamente.

Como pregar corretamente o evangelho?

Leia **A DOUTRINA BÍBLICA DA EVANGELIZAÇÃO**.

Revista editada por esta editora.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 16.1-28

Terça - Marcos 8.27-33

Quarta - Lucas 9.18-27

Quinta - 1 Pedro 2.1-10

Sexta - Efésios 2.11-22

Sábado - Apocalipse 21.1-27

Estudo 29

JESUS FAZ A ÚLTIMA VISITA A SUA CIDADE

Já dissemos, em estudos anteriores, que Mateus não teve muita preocupação em organizar sua narrativa em ordem perfeitamente cronológica. Assim é que foi o único evangelista que registra o episódio da cura dos dois cegos e de um mudo endemoninhado, no interregno do tempo em que Jesus saiu da casa de Jairo e se dirigiu à sua casa. Também registra a última visita de Jesus à cidade de Nazaré em um trecho bem posterior ao capítulo 9, onde são encontradas as parábolas sobre o reino de Deus, já estudadas anteriormente.

Não sendo tão importante a posição cronológica do registro textual, mas os registros dos fatos, e a lembrança de que Mateus foi testemunha pessoal dos fatos que ele registra, optamos por seguir a cronologia apontada por S.L.Watson e W.E.Allen, na obra *Harmonia dos Evangelhos*, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, 6ª edição, 1983, levando em consideração que há, de fato, uma harmonia nessa cronologia.

JESUS CURA DOIS CEGOS E UM ENDEMONINHADO

Mt 9.27-34

Ao sair da casa de Jairo Jesus foi seguido por dois homens cegos, que clamavam pela sua compaixão, desejando a cura. O texto registra que foi seguido até entrar em casa, o que dá a impressão de que o Senhor se dirigiu ao lugar onde residia em Cafarnaum, ou ao lugar onde residia, desde a sua infância, na cidade de Nazaré, casa dos seus irmãos e de sua mãe. Se a segunda suposição estiver correta, significa que Jesus foi seguido pelos dois homens desde Cafarnaum até Nazaré, o que seria bastante difícil. Mais razoável seria crermos que Jesus saiu da casa de Jairo, seguiu até sua casa em Cafarnaum e, depois de ter curado os dois cegos e o endemoninhado, provavelmente no dia seguinte, foi para a sua cidade, Nazaré.

Chegando a casa, os cegos se aproximaram dele, chegaram bem perto e Jesus, dando-lhes atenção, perguntou-lhes se criam que ele

poderia, de fato, dar-lhes a visão. Eles responderam que sim e o Senhor respondeu-lhes que fosse feito o que queriam, **conforme a fé que possuíam**. De fato tinham fé em Jesus porque imediatamente passaram a ver. Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém. Mas eles saíram dali fazendo exatamente o contrário do que Jesus lhes pedira e anunciaram o que lhes acontecera. Enquanto eles se retiravam, pessoas levaram um homem mudo e endemoninhado até Jesus, que expulsou o demônio e fez o mudo falar.

Os milagres fizeram com que as multidões se maravilhassem e com que os fariseus reagissem dizendo, novamente, que Jesus expulsava demônios pela ação do príncipe dos demônios, demonstrando que, apesar de ouvirem admoestações tão duras de Jesus (Mt 12.22-37; Mr 3.20-30), continuaram no seu intento de destruir a imagem de Jesus como o Messias, o enviado de Deus.

O que podemos apreender dessa narrativa de Mateus?

1. As atitudes que permitiram que Jesus curasse os cegos

Naqueles homens existiu um conjunto de atitudes que permitiram que Jesus operasse em suas vidas.

a) Seguiram Jesus v. 27. Aparentemente já estavam próximos dele,

na casa de Jairo, porque Mateus indica que seguiram a Jesus quando saiu de lá. Viram o que acontecera e **se colocaram a seguir ao Senhor**, procurando estar com ele. Esse é o primeiro passo de uma pessoa que almeja desfrutar da atenção e poder do Senhor Jesus.

b) Clamaram por compaixão - v. 27. Durante o ministério de Jesus aqui no mundo, todos os que clamaram foram atendidos em suas súplicas. No entanto, há um detalhe no clamor daqueles homens que precisa ser observado: Eles clamavam ao “Filho de Davi.” Isto significa que eles não consideravam que Jesus era somente um profeta, ou um curandeiro, porém que era o Messias, aquele que viria da linhagem de Davi.

c) Eles se aproximaram de Jesus - v. 28. Seguiram Jesus até onde ele morava, até o que era a representação da maior proximidade. Ficaram diante dele. Devido ao fato de serem cegos, certamente atravessaram situações bem difíceis para se aproximar e estar face a face com Cristo. De que adianta uma pessoa se dizer seguidora de Jesus, às vezes até clamar pela compaixão dele, mas permanecer distante, sem um envolvimento pessoal com ele?

d) Eles manifestaram a crença que tinham em Jesus v. 28. É certo que o Senhor Jesus conhecia o que havia nos corações daqueles dois homens.

poderia ter exaltado Pedro, poderia ter lhe dito que era um homem perspicaz, um homem inteligente, um homem muito espiritual etc. Já pensaram em como ele ficaria inchado, soberbo, se fosse exaltado por Jesus? Mas o Senhor logo tratou de mostrar-lhe duas realidades a respeito do que dissera: a) Era um homem bem-aventurado; um homem afortunado e de destino feliz; b) Recebera uma revelação especial da parte de Deus; não chegou à conclusão a partir de si próprio, na sua natureza carnal, humana, mas recebeu a verdade que veio diretamente de Deus para o seu coração.

A IMPORTÂNCIA DA VISÃO CORRETA A RESPEITO DE JESUS

Mt 16.18-28

Se a visão dos seus discípulos era tão distanciada da visão do restante dos seres humanos, se tinha origem no próprio Deus, sendo uma revelação direta dele, é lógico concluirmos que era revestida de total importância para o reino de Deus, objetivamente para a agência daquele reino que Jesus estava para implantar no mundo. Essa importância foi apontada imediatamente por Jesus e se reveste de dois aspectos principais:

1. É a visão que alicerça a igreja de Cristo v. 18. Há inúmeras opiniões controversas a respeito das palavras de Jesus a Pedro “sobre esta rocha edificarei a minha igreja”. A controvérsia está até mesmo nas versões do texto bíblico, porquanto em algumas constam “sobre esta pedra edificarei a minha igreja”, como se a palavra empregada na língua original, o grego

koinê, pudesse ser traduzida tanto de uma, quanto de uma ou outra forma. A maior controvérsia gira em torno de uma afirmação da ICAR (Igreja Católica Apostólica Romana), a de que Jesus estaria declarando que Pedro era uma pedra e que sobre aquela pedra (Pedro) a sua igreja seria edificada. Logo de saída, examinando todo o texto, podemos afirmar que esta afirmação é impossível de ser verdadeira, uma vez que logo a seguir Pedro fraquejou e serviu, mesmo que inadvertidamente, a Satanás, servindo de tropeço ao Senhor Jesus. Já pensaram em que base fraca Jesus estaria fundamentando a sua igreja?

Apesar de autores de renome insistirem em não analisar devidamente o texto bíblico, fazendo-o de forma tendenciosa (dentre eles o comentarista Frank Stagg) é preciso que se retorne à língua grega para se verificar que o alicerce da Igreja de Cristo é a visão perfeita a respeito da pessoa de Jesus. Há um jogo de palavras utilizadas por Jesus que não pode ser ignorado. Para afirmar “tu és Pedro” não utilizou a expressão de origem aramaica *kefas* (Cefas) utilizada quando André levou Simão até Jesus, no início do seu ministério (João 1.42), mas utilizou a expressão grega *petros*. Ao afirmar sobre o que edificaria a sua igreja, utilizou a expressão grega *petra*. Muitos crêem que seria apenas uma colocação correta entre o masculino e o feminino da palavra. Isso não tem nenhum sentido, uma vez que na língua grega ambas as expressões são neutras. Em verdade, o que Jesus fez foi mostrar que Pedro, apesar de ter recebido uma revelação direta de Deus, era uma

Batista, homem a quem recorriam até mesmo os fariseus para serem batizados; Elias, visto pelos judeus como um dos mais poderosos profetas do passado; Jeremias, um dos grandes pregadores do passado que era olhado com grande respeito, inclusive pelo cumprimento de suas pregações. Todos profetas exaltados pelos judeus.

2. Uma visão limitada à própria humanidade. Não conseguiam sair do campo humano, não conseguiam penetrar no sobrenatural de Deus. E isto era natural, porque tinham suas mentes limitadas à sua própria humanidade. Maravilhados com a pessoa de Cristo, só podiam compará-lo com algum homem que realizara maravilhas. A visão era tão limitada que pensavam até que Jesus era João Batista, que lhe fora contemporâneo. Como podiam pensar isso? Nem cabia na comparação uma idéia de ressurreição.

Essa visão se prolongou até os dias de hoje. A maioria absoluta das pessoas têm uma visão de Jesus que o exalta como um grande homem de Deus, como um grande profeta, como alguém que realiza milagres impressionantes, como um homem cheio de amor pelo semelhante, mas sempre uma visão limitada a fatores e realidades humanas.

A VISÃO DOS DISCÍPULOS DE JESUS - Mt 16.15,16; Mr 8.29; Lc 9.20

Relatado como os homens viam a Jesus, transferiu a pergunta a seus discípulos. Eles teriam que refletir, que assumir uma posição. Pedro assumiu a liderança e transmitiu o

pensamento que deveria ser dos discípulos: Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo; o Messias de Deus (Lc 9.20). O que representaria essa visão?

1. Jesus era o Salvador. Não somente um grande pregador, um profeta que atraía multidões e que pregava palavras duras, ou um profeta que realizava grandes milagres, mas o próprio Salvador que fora prometido por Deus desde os tempos de Adão. Não era um ungido de Deus, mas era **O Ungido**, aquele que veio pela providência divina para a salvação do seu povo.

2. Jesus era o Filho de Deus. Crer em Jesus como o Filho de Deus era crer que ele era o seu unigênito, era crer na sua natureza divina, era crer que a sua origem estava além da origem da humanidade.

A ORIGEM DA VISÃO CORRETA A RESPEITO DE JESUS

Mt 16.17

A resposta de Pedro ultrapassara todos os limites possíveis a um homem. A sua visão extrapolara a capacidade humana de olhar para Jesus Cristo, homem. O apóstolo Pedro, na sua resposta, unira dois elementos difíceis de serem reconhecidos pelos homens: a encarnação de um ser divino (não somente a sua vinda ao mundo) e a sua missão de salvar o homem dos seus pecados.

Se era uma visão impossível ao homem comum, então Pedro seria um homem incomum? De modo nenhum. Pedro era tão comum que errava constantemente e erraria momentos depois da sua declaração. Jesus

Conhecia por ser o Filho de Deus, e conhecia pelo esforço que fizeram expressando a confiança que depositavam nele. Uma confiança que os levou a superar tantas barreiras e a se colocarem totalmente sob os cuidados do Senhor. Mas Jesus, mesmo conhecendo os corações, requereu deles uma manifestação específica, a declaração de que criam no poder dele. Isto nos lembra que o Senhor Jesus também estabeleceu uma manifestação visível da crença nele como Salvador, que generalizou a todos quantos se fizessem seus seguidores, o de que sejam batizados. Poderíamos desprezar esse requisito do Senhor Jesus?

e) Deixaram que Jesus tocasse neles v. 29. Assim que Jesus tocou naqueles homens aconteceu uma transformação imediata, uma mudança de situação irreversível, a invasão da luz em suas almas. O toque de Jesus é imprescindível para a transformação do homem, para que seja tirado das trevas e colocado no seu reino de luz.

2. A cura do mudo

Mateus não registra nenhuma atitude do mudo que fizesse com que Jesus o curasse, mas registra que ele foi trazido por outras pessoas. Era um homem endemoninhado e, provavelmente, sem condições de ir por si só até Jesus Cristo. Dominado, não tinha percepção pessoal

dos fatos que cercavam o Senhor Jesus. Mas outras pessoas tinham e, movidos por compaixão para com aquele homem, o levaram a Jesus.

Por outros relatos bíblicos, podemos dizer que a fé daqueles homens moveu o coração de Jesus e permitiu (como veremos adiante) que realizasse o milagre.

JESUS É IMPEDIDO DE REALIZAR MILAGRES

Mt 13.54-58; Mr 6.1-6a

Depois de realizar aquelas maravilhas e deixar as multidões admiradas, saiu de Cafarnaum e foi para a sua cidade natal, Nazaré, de onde já havia sido expulso anteriormente pelos que estavam na sinagoga (Lc 4.16-30).

De maneira impressionante e, como que desafiando aqueles que o haviam expulsado, novamente Jesus foi à sinagoga, em um sábado, e começou a ensinar.

Admirados, os judeus manifestaram a sua incredulidade mesmo sendo testemunhas pessoais da sabedoria e do poder do Senhor Jesus. Suas palavras eram de pasmo, não para o bem, porém para o mal, para a descrença. A incredulidade daquele povo era tão grande que Jesus lamentou não ter honra em sua própria terra e, conforme narrativa de Marcos, ficou admirado de tamanha incredulidade.

Pela segunda vez, então, Jesus retirou-se da sua cidade natal sendo rejeitado como o Cristo, o Filho de Deus.

O que teria levado aquele povo a rejeitar o Salvador? Conforme se pode inferir do texto, **por puro preconceito**. O preconceito que os da Judéia manifestavam a respeito dos da Galiléia, principalmente de Nazaré (Jo 1.46), também era uma realidade dos próprios habitantes da cidade discriminada. Sabiam quem era Jesus, conheciam sua mãe, **seus irmãos e suas irmãs** (v. 3) e, por estarem limitados aos seus próprios conceitos, pessoais e limitados pelos preconceitos sócio-religiosos, fizeram dele um tropeço e não uma rocha de firmeza para a salvação.

O resultado da incredulidade dos habitantes de Nazaré caiu sobre eles próprios, porque ali, o Senhor Jesus não pôde fazer nenhuma maravilha (Mr 6.5). Caiu sobre eles porque deixaram de ser beneficiados com a cura de muitos enfermos e porque deixaram de ser beneficiados com a salvação que o Senhor Jesus daria àqueles que, presenciando seus milagres, o reconhecessem como o Filho de Deus e cressem nele como Salvador.

CONCLUSÃO

Se em Cafarnaum Jesus pôde, durante o seu ministério, realizar tantos milagres, em Nazaré

foi impedido. Se em Cafarnaum ele encontrou pessoas que se entregavam por crer nele, pelo menos como um enviado de Deus, ao contrário, na cidade de Nazaré, tão próxima, ele só encontrou rejeição, incredulidade e ódio.

Esse fato nos faz reconhecer, forçosamente, que não há uma igualdade universal de comportamento a respeito de Jesus e que não há qualquer possibilidade de padronizarmos nossas ações evangelísticas e os comportamentos pessoais. Que indivíduos, mesmo presenciando fatos que manifestam o poder de Cristo para salvar, para regenerar vidas, rejeitam-no veementemente, fechando seus corações e fazendo com que o Filho de Deus se retire de suas vidas, abandonando-os à própria sorte.

Leituras Diárias

Segunda - Mateus 9.27-34

Terça - Marcos 6.1-6a

Quarta - Efésios 1

Quinta - 2Coríntios 10

Sexta - 1Coríntios 13

Sábado - 1Pedro 4.1-19

Estudo 37

A VISÃO DOS HOMENS A RESPEITO DE JESUS

A pergunta que Jesus fez aos seus discípulos, a respeito do que diziam os homens a respeito de quem seria ele, fez parte de um contexto muito mais amplo e se revestiu de importância muito maior do que a maioria das pessoas costumam observar.

O contexto se estende até o momento em que chegou às regiões de Dalmanuta, na Galiléia e os fariseus se aproximaram mais uma vez pedindo um sinal do céu, como que precisando de uma comprovação a respeito da origem divina de Jesus e o Senhor lhes respondeu chamando-os de hipócritas porque fingiam não saber discernir e conhecer os sinais dos tempos. Ou seja, tinham uma visão a respeito de Jesus e fingiam que não a tinham.

O contexto passa, também, pelo episódio da falta de discernimento dos seus discípulos quando confundiram os ensinamentos de Jesus sobre o cuidado que deveriam ter com o fermento dos fariseus, com a falta de pão a bordo do barco no qual atravessavam o Mar da Galiléia. Mas, poderíamos estendê-lo, ainda, à cura do cego que, em primeira etapa da sua cura via os homens de maneira

imperfeita, como se fossem árvores e, sob a ação de Jesus Cristo, passou a ver perfeitamente em uma segunda etapa.

Olhando para esse contexto percebe-se a importância que há em ter uma visão perfeita a respeito da pessoa de Jesus Cristo e que, no episódio que vamos estudar, ele estava fazendo uma espécie de fechamento de ensinamentos, aproveitando acontecimentos anteriores.

A VISÃO DA HUMANIDADE A RESPEITO DE JESUS

Mt 16.13,14; Mr 8.27,28;

Lc 9.18,19

Certamente Jesus conhecia o que os homens pensavam a respeito dele, mas queria que seus discípulos fizessem uma distinção entre a visão imperfeita e a visão correta a respeito dele próprio. Por isso lhes dirigiu a palavra, levando-os à reflexão.

Da resposta dos discípulos perceberemos que as multidões tinham uma visão de Jesus com duas características principais:

1. Uma visão de exaltação da pessoa de Cristo. Era comparado a grandes profetas do povo judeu. João

Então o Senhor Jesus lhe impõe novamente as mãos e o homem, **olhando firmemente**, passa a ter uma visão perfeita, nítida.

Os discípulos de Jesus já haviam recebido ensinamentos de Jesus, já haviam recebido uma consagração especial, já estavam capacitados a ver. Mas precisavam olhar com firmeza, com cuidado, focando bem os olhos da alma, em sintonia com o que Jesus lhes concedera, para que pudessem ver perfeitamente.

CONCLUSÃO

A visão perfeita a respeito de quem seja Jesus é imprescindível para uma vida cristã autêntica e, também, para o desenvolvimento de atividades realmente produtivas para o reino de Deus.

Se os discípulos de Cristo continuassem a ter uma visão limitada ou distorcida sobre a pessoa de Jesus, certamente o evangelho da salvação teria sucumbido porque toda a esperança deles teria morrido com Cristo na cruz do Calvário. Teriam uma fé inútil porque teriam esperado por Cristo somente para este mundo e teriam sempre a visão limitada à matéria, ao que é somente humano.

Mas, pelo poder de Cristo, eles tiveram seus olhos abertos e puderam anunciar o evangelho da Salvação, que aponta para a vida eterna e que tem a sua origem,

fundamento e poder no Filho de Deus que se fez homem mas que sempre foi divino e que retornou para a presença do Pai, após a sua ressurreição.

Certamente que o inimigo das almas não se compraz em que os servos de Cristo tenham essa visão correta e trabalha incessantemente para ofuscar as mentes dos discípulos de Jesus. Trabalha colocando fermento ruim no meio das igrejas de Cristo. Fermento da hipocrisia, da incredulidade, da adulteração das Escrituras. Coloca em pequenas e sutis porções que podem passar despercebidas, como se fossem insignificantes e inofensivas para o reino de Deus. Mas o fermento cresce e leveda toda a massa, degenerando e levando ao desvio muitas igrejas de Cristo. Este é o caminho da apostasia.

Como bons discípulos de Cristo temos o dever de levar a sério as suas palavras e de nos acautelarmos com o fermento dos fariseus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 16.1-12

Terça - Marcos 8.10-26

Quarta - Lucas 12.1-12

Quinta - 1Coríntios 15.1-19

Sexta - 1Coríntios 5.1-8

Sábado - 2Coríntios 5.11-16

Estudo 30

A PRIMEIRA MISSÃO DOS DOZE APÓSTOLOS

Após ter visitado Nazaré, talvez pela última vez, o Senhor Jesus se colocou a visitar todas as cidades e aldeias, dedicando-se a um ministério com três atuações principais: ele ensinava nas sinagogas, pregava o evangelho do Reino de Deus e curava os enfermos.

Ao mesmo tempo que Jesus atuava no meio das multidões ele as observava com profunda compaixão, porque andavam desgarradas, sem pastoreio

Mediante a sua observação o Senhor assume três atitudes que deram origem à primeira missão específica dos seus doze apóstolos:

1) *Faz uma declaração preocupante.* A extensão da obra de semeadura e colheita é grande demais e, em contrapartida, os trabalhadores, os que se dedicam a levar a semente do evangelho são muito poucos.

2) *Conclama seus discípulos à oração.* Não orações variadas, por motivos diversos, mas à oração específica, dirigida ao Senhor da seara, para que ele envie trabalhadores.

3) *Envia seus discípulos à ação.* Eram os trabalhadores que estavam à disposição, que seriam enviados

pelo próprio Senhor, Filho de Deus. Se a seara é extensa, se os trabalhadores são poucos, então reforços devem ser solicitados, mas o trabalho, também, deve ser iniciado.

Ao enviar e instruir seus discípulos, o Senhor Jesus nos deixou ensinamentos de grande importância para a realização do trabalho missionário.

O SERVIÇO MISSIONÁRIO CRISTÃO TEM CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS

Mt 10.1-4, 9.38; Mr 6.7; Lc 9.1

São características estabelecidas, referidas ou demonstradas pelo próprio Senhor Jesus.

1. Pertence a Jesus Dois atos do Senhor demonstraram isso com clareza: a) após dizer aos seus discípulos que orassem pedindo ao Senhor da seara que enviasse trabalhadores, ele próprio os enviou, colocando-se no lugar do próprio Senhor da seara; b) chamou seus discípulos a si e ele próprio os enviou. Eram homens com suas individualidades, com suas personalidades, mas não desenvolveriam

um trabalho pessoal, de si próprios, porém de Jesus. A empreitada de semear a Palavra de Deus partiu dele, tanto quanto o comando, as ordens, a coordenação.

2. Tem que ser realizado por discípulos de Jesus Por que o trabalho missionário tem sido tão deturpado, tão diversificado nas denominações chamadas cristãs? Certamente porque há pessoas que não se sentem discípulos de Cristo, que se tornam mestres de si próprios e de outros e que, sem o sentimento do senhorio de Cristo, fazem o trabalho conforme seus próprios interesses. Jesus enviou discípulos seus, a partir de si próprio. Mateus deixa isso tão claro que, inclusive, nomeia os discípulos que participaram da empreitada.

3. Necessita do poder de Jesus Não poder pessoal de homens, pecadores e imperfeitos como somos, mas de poder divino. A tarefa de evangelizar faz parte de uma batalha espiritual terrível, de vulto universal, que envolve toda a criação divina e que se desenrola desde os primórdios da criação. É natural, então, que exista a necessidade de um poder sobrenatural, que capacite os discípulos de Jesus a lutar contra as hostes espirituais malignas. Esse poder foi dado por Jesus na primeira empreitada missionária e foi dado por Jesus, também, antes de subir aos céus, quando declarou que seus discípulos receberiam poder do alto e seriam suas testemunhas em todo o mundo (At 1.8). Conscientizados de que somos discípulos dele, só nos

resta colocarmos a mão no arado e seguir em frente, confiando que o poder de Cristo está à nossa disposição para realizarmos a tarefa que nos foi legada por ele.

4. Requer cooperação entre os discípulos de Cristo - Desde o início, o Senhor necessitou da cooperação dos seus discípulos, que necessitaram da cooperação mútua. Jesus enviou seus discípulos de dois em dois. Tantas idéias têm surgido a partir desse fato que cairíamos em lugar comum se ficássemos conjecturando longamente. Mas, uma coisa é certa de se dizer: o trabalho sendo feito de dois em dois significava a cooperação que deveria existir entre os crentes em Cristo. Não há lugar para individualismos no serviço de evangelização, não há espaço para egoísmos de ações e de intenções.

O SERVIÇO MISSIONÁRIO CRISTÃO TEM METAS ESPECÍFICAS

Mt 10.5-8; Mr 6.7; Lc 9.1,2.

O serviço missionário é uma empreitada definida, com metas bem delineadas, com alvos específicos a serem alcançados. As metas envolvem a mensagem, a libertação da opressão espiritual e os cuidados pessoais.

1. A mensagem *Mt 10.7; Lc 9.2.* Jesus ordenou aos seus discípulos que pregassem uma mensagem simples, definida e de âmbito estritamente espiritual: a chegada do reino de Deus. Um empreendimento missionário não pode deixar de lado o objetivo da pregação do evangelho da salvação, manifestado na provi-

3. O fermento do adultério das Escrituras Certamente que Jesus não estava se referindo somente a comportamentos sexuais, mas ao fato de os líderes judeus haverem adulterado as Escrituras em prol de suas tradições e interesses pessoais.

As Escrituras testificam de Jesus (Jo 5.39) e para que o homem creia nele, precisa crer, primeiramente, nas Escrituras (Jo 5.46,47). Adulterando a Lei escrita por Moisés, os judeus fecharam o coração para Jesus e levaram outros a fecharem também.

POR QUE JESUS CUROU O CEGO EM DUAS ETAPAS?

Mt 16.8-12; Mr 8.17-26

Os judeus não compreenderam o que Jesus lhes dizia a respeito do fermento dos fariseus. Pensaram que Jesus os repreendia por não terem levado pão (que devemos lembrar, sobrou na multiplicação realizada por Cristo) e, aparentemente, não haviam prestado muita atenção ao que lhes era dito.

Jesus teve que lhes chamar a atenção e fazê-los compreender. Chamou a atenção classificando-os de “homens de pouca fé” e lembrando-lhes de que era impossível estar falando de pão, de alimento, porquanto isso não era problema algum para ele que já demonstrara isso anteriormente, nas duas multiplicações de pães e peixes.

Mateus omite o milagre realizado por Jesus e registra que, logo em seguida à repreensão de Jesus, eles compreenderam o que lhes era dito sobre o fermento dos fariseus e saduceus. Mas Marcos registra o milagre logo após a pergunta de Jesus: “Não entendeis ainda?” (Mr 8.21). É lógico que houve um intervalo de tempo até chegarem a Betsaida, mas Jesus, como em outras ocasiões, parece que aproveitou a oportunidade para demonstrar aos seus discípulos que não basta ter alguma visão das coisas espirituais, mas que é necessário que a visão seja perfeita. Deve ser levado em consideração que Marcos fez questão de utilizar a expressão *nitidamente* ao registrar a cura completa do homem. Uma visão perfeita que só recebe quem se coloca em dependência e contato direto com o Senhor Jesus.

Observe-se que essa era a intenção de Jesus. Primeiro agiu ficando a sós com seus discípulos, levando o homem para fora da aldeia. Depois, impondo-lhe as mãos (um sinal de consagração vinda de Deus) e cuspidos nos olhos (um sinal de comunhão com Jesus - colocou no cego algo que vinha de seu ser) fez com que tivesse visão. Mas não era uma visão perfeita, pois via homens como se fossem árvores. De que adiantava ter uma visão tão distorcida das coisas?

Reconhecemos a figura com certa facilidade. Os fariseus e saduceus eram um grupo que estabelecia regras e vigiava a comunidade judaica e que tinham algum tipo de malignidade que se impunha larga e rapidamente. Mas, o problema é: A que tipo de malignidade o Senhor se referia?

Podemos inferir do contexto:

1. O fermento da incredulidade

Uma incredulidade consciente, que se voltava sempre para a matéria, em detrimento do que era espiritual. Uma incredulidade que os levava a se colocarem sempre fora das realidades espirituais divinas. Uma incredulidade manifestada na ânsia por ver sinais e prodígios, mas uma incredulidade que não se satisfazia com os sinais já vistos e que impedia a crença em Jesus como Salvador da alma. Uma incredulidade sem limites.

Os discípulos de Jesus eram judeus e os judeus sempre queriam ver para crer. Isso fazia deles um povo sem fé, porque “a fé é a prova das coisas que se não vêem.” (Hb 11.1) Deixar-se influenciar pelo fermento dos fariseus e ficar em busca de sinais e prodígios, seria fatal para a pregação que os discípulos de Jesus teriam que levar adiante, após sua ascensão aos céus, porque deveria ser uma pregação de fé para levar à fé no Salvador. Uma fé que encontraria corações de

pessoas que deveriam crer somente por ouvir a Palavra de Deus (Rm 10.13-17). O fermento da incredulidade por certo impediria a pregação do evangelho da salvação em Jesus Cristo.

2. O fermento da maldade Os que experimentavam a Jesus foram classificados como maus. Eram religiosos, cumpridores de seus deveres religiosos e sociais, que se utilizavam largamente do nome de Deus, mas eram maus. Eram maus porque rejeitavam conscientemente aquele que era vindo de Deus, pois sabiam, conforme testemunho de Nicodemos, que Jesus viera da parte de Deus.

A maldade deles foi satirizada por Jesus quando mostrou que eles sabiam discernir os sinais dos tempos e dissimulavam como se não soubessem (Mt 16.2,3).

Jesus se referia, também, à maldade de Herodes. Por certo a morte de João Batista ainda estava vívida na mente do Senhor e provavelmente tenha sido aguçada pela visão da cidade de Tiberíades às margens do mar da Galiléia, por onde navegavam. O tetrarca matara um homem a quem respeitava e reconhecia ser justo. Manifestara sua maldade na injustiça praticada. Os discípulos de Jesus precisavam se cuidar para não praticarem injustiças e, assim, se deixarem corromper pela maldade.

dência de Deus em enviar seu Filho para salvar a humanidade perdida, ou deixá-lo em plano secundário. A presença do reino de Deus no mundo significava a presença daquele que veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19.10), significava a presença daquele que veio para salvar as almas, ficando à disposição de todos quantos quisessem deixar as trevas e ser transportados para o reino da luz de Cristo.

Missões não é um meio para se pregar libertação política, ou desenvolvimento social, ou ideologias pessoais, por mais interessantes e propícias que possam parecer. É para a pregação da salvação em Jesus Cristo.

2. A libertação Mt 10.1,8; Mr 6.7; Lc 9.1. Jesus estava estabelecendo um objetivo de libertação espiritual, para um povo que, devido à sua incredulidade, andava em trevas. Não há como fazer um trabalho missionário acomodando-se às trevas, dividindo espaço com as manifestações de malignidade. Neste nosso Brasil idólatra e cheio de feitiçarias, fazer a obra missionária é extremamente difícil e requer um posicionamento definido e firme contra as hostes malignas e suas mais variadas manifestações.

3. Os cuidados pessoais Mt 10.1,8; Lc 9.1. Jesus se condoía dos enfermos e os curava, independentemente de crerem ou não nele como Salvador. Seus discípulos deveriam fazer o mesmo. Deveriam aproveitar a empreitada para cuidar dos seus semelhantes. Não é correto colocar como meta missionária a cura

milagrosa de enfermos, mas a cura milagrosa foi ordenada por Jesus como complemento, para aquela época, quando não existiam recursos médicos e farmacológicos como existem hoje. Por isso, seus **apóstolos** receberam um poder especial **para aquela** empreitada.

O SERVIÇO MISSIONÁRIO CRISTÃO TEM ALVOS ESPECÍFICOS - Mt 10.5,6

Aqui denominamos **alvos** os indivíduos, as regiões que devem ser alcançadas. O evangelho deve ser pregado a todo o mundo, em todas as nações, mas existem momentos específicos, estratégicos, para se alcançar determinadas regiões. Jesus deu uma ordem específica aos seus discípulos para que não fossem aos gentios, mas que fossem somente aos judeus. Não quer dizer que outros indivíduos não preocupassem ao Senhor, mas que, naquele momento estava interessado em alcançar um grupo específico.

O SERVIÇO MISSIONÁRIO CRISTÃO REQUER ATITUDES E COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS

Mt 10.9-42; Mr 6.8-11; Lc 9.3-5

Após ditar as metas aos seus apóstolos, o Senhor Jesus passou a expor que comportamentos e atitudes deveriam ter para o cumprimento da missão que estavam recebendo. O estudo dessas normas estabelecidas por Jesus nos auxilia na adoção de comportamentos eficientes para a realização de qualquer obra missionária, em qualquer lugar e em qualquer tempo.

1. Desprendimento dos bens materiais Mt 10.9-11; Mr 6.8-10; Lc 9.3,4. Jesus não estava dizendo que não seriam sustentados, mas que não tivessem atitudes que manifestassem uma preocupação com a subsistência, por mais razoável que parecesse. Na realidade a falta de preocupação deveria advir de uma dependência total da providência divina, que se materializaria através de pessoas que hospedariam os apóstolos de Jesus e, também, a partir de uma capacidade de avaliação por parte dos apóstolos: eles teriam que observar quem fosse capaz de hospedá-los e permanecerem com aquela pessoa até sair da cidade.

2. Realismo na visão das necessidades e ansiedades dos alcançados pela empreitada missionária - Mt 10.12-25; Mr 6.11; Lc 9.5. A extensão da obra missionária é imensa e, se o missionário não se imbuir de sentimentos e atitudes realistas a respeito daqueles com quem tem contatos, poderá fazê-la marcar passo até sucumbir. Essa realidade foi apontada por Jesus em poucas instruções: a) *“Se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se for indigna, a vossa paz retorne para vós.”* O missionário deve ter a capacidade e tem o dever de avaliar as pessoas que são alcançadas por ele, e tem a responsabilidade de levar a paz ou não àquele lugar. b) *“Se ninguém vos ouvir, saindo daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles”* Cabe ao pregador saber quando ninguém quer

ouvir, de fato, e ir em frente.

3 Prudência e simplicidade - Mt 10.16-18. Prudência porque os discípulos de Cristo são ovelhas e são enviados a um mundo que está no maligno. Por isso Jesus disse que são enviados como ovelhas ao meio de lobos.

4. Perseverança diante das dificuldades - Mt 10.18-31. Dificuldades terríveis apontadas por Jesus: Estar diante de autoridades que tinham poder sobre a vida e a morte; ser receptáculo do ódio de todos por causa do nome de Cristo; ser perseguidos; estar sujeitos à morte.

Para cada dificuldade, o Senhor Jesus indicava a solução e a realidade que existia por detrás de coisas que pareceriam tão ruins: Ao serem colocados diante das autoridades, o Espírito de Deus falaria por eles; ao serem odiados, deveriam lembrar-se da salvação e de que não eram mais do que o próprio Senhor Jesus que foi tão odiado; ao serem perseguidos, deveriam fugir para outra cidade, mas sempre pregando o evangelho; ao temer a morte, deveriam lembrar que Deus os olhava atentamente e que eram extremamente valiosos para ele.

5. Fidelidade a Cristo Mt 10.32-42. Fidelidade que leve à confissão diante dos homens; fidelidade que leva a desafiar inimigos na própria família; fidelidade que leva à disposição de tomar a cruz por Cristo; fidelidade que leva à disposição de perder a vida por amor a Cristo; fidelidade pela visão de que somos embaixadores de Cristo.

Estudo 36

O ALERTA DE JESUS QUANTO AO FERMENTO DOS FARISEUS E

Depois de multiplicar os pães e peixes pela segunda vez, saciando milhares de pessoas, em algum lugar próximo à região de Decápolis e das margens do mar da Galiléia, o Senhor Jesus entrou em um barco e retornou à Galiléia, provavelmente a um lugar chamado Magdala que ficava a dois quilômetros de Tiberíades, cidade onde Herodes construíra a sede do seu governo.

Mal chegou à região da Galiléia foi abordado pelos fariseus e saduceus que o provocaram pedindo que lhes concedesse algum sinal do céu. Como resposta Jesus criticou-os por não conseguirem discernir os sinais dos tempos de Deus e negou lhes conceder algum sinal, classificou-os como uma geração má e adúltera e disse que só teriam o sinal do profeta Jonas.

Deixando-os imediatamente embarcou novamente e voltou para o outro lado do mar, colocando-se, novamente, longe dos lugares onde existiam concentrações de fariseus e saduceus.

Em determinado ponto da viagem Jesus dá um alerta aos seus discípulos, ordenando-lhes que se guardassem cuidadosamente do fermento dos fariseus, saduceus e, também, de Herodes.

Os discípulos, ao que parece, não prestaram muita atenção e se preocuparam por não terem levado pão, pensando que essa era a preocupação de Jesus. Este, no entanto, lhes chamou a atenção com veemência e, assim que chegou a Betsaida, realizou um milagre curando um cego.

Analisando o episódio em partes, podemos tirar conclusões preciosas para nossa vida cristã, já que somos, também, discípulos de Jesus.

O QUE SERIA O FERMENTO DOS FARISEUS E SADUCEUS? Mt 16.1-6; Mr 8.10-15

Por diversas vezes Jesus utilizou a figura do fermento para se referir a uma pequena porção de malignidade de um pequeno grupo que termina por influenciar toda uma geração de indivíduos.

que, despedidos para irem embora, desfalecessem de fome pelo caminho, chamou seus discípulos e declarou a sua preocupação. Eles pareciam esquecidos do que acontecera algum tempo antes, quando Jesus alimentou mais de cinco mil pessoas e perguntaram como poderiam ser alimentados naquele lugar deserto e perguntaram a Jesus como poderia alguém satisfazer a fome daquelas pessoas. A resposta do Senhor Jesus veio em forma de uma pergunta a respeito do que eles tinham como alimento, da ordem para que a multidão se asentasse no chão e da multiplicação dos pães e peixes, alimentando a todos.

Desse milagre que Jesus realizou, o que podemos tirar de proveito prático para nossas vidas?

1. O motivo da multiplicação dos pães e peixes Mt 15.32; Mr 8.2,3. Jesus realizou o milagre por compaixão da multidão que estava com ele. Eram pessoas que haviam deixado suas casas, seus afazeres e viajado longas distâncias **para estar com Jesus**. Não foi compaixão por serem pobres, por não terem com que comprar alimento, mas porque estavam distantes, sem se alimentarem corretamente há três dias, e poderiam desfalecer pelo caminho.

2. O que foi multiplicado Mt 15.34; Mr 8.5. Diferentemente da primeira multiplicação, na segunda o que foi multiplicado foi o alimento que pertencia aos seus discípulos. Eles também não tinham muito. Mas entregaram ao Senhor Jesus que os multiplicou e **o pouco se tornou**

muíto e satisfez toda a multidão, inclusive eles que, sem a multiplicação comeriam, cada um, apenas uma pequena porção de pão e peixe.

3. A organização Mt 15.35,36; Mr 8.6,7. O Senhor Jesus sempre foi sóbrio e metucioso em seus atos. Ele não fazia nada sem ordem. A multidão era grande, **todos precisavam comer**, estavam famintos e, se o alimento fosse distribuído sem organização, certamente haveria brigas, insatisfações, injustiças e alguns ainda ficariam com fome. Sentados teriam que esperar que o alimento chegasse a eles e cada um receberia, das mãos dos discípulos de Jesus, o alimento de maneira eqüitativa.

CONCLUSÃO

O que chamamos de “retiro” de Jesus foi, na realidade, uma ida ao encontro de enfermos, oprimidos, angustiados, ansiosos pela verdade, que estavam distantes do povo de Deus. Eram pessoas isoladas mas tinham seus corações quebrantados diante da realidade do Salvador Jesus. Devemos copiar o exemplo do Mestre e nunca nos retirarmos completamente, fechando as possibilidades de apresentarmos Cristo a algum pecador.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 15.21-28

Terça - Lucas 4.14-22

Quarta - Isa 61.1-3; Mt 11.25-30

Quinta - Marcos 3.7-12

Sexta - Lucas 4.37-44

Sábado - Hebreus 11.1-13

Estudo 31

A MORTE DO PRECURSOR DE JESUS

Textos: Mateus 14.1-13; Marcos 6.14-29; Lucas 9.7-9

Os autores dos quatro Evangelho não nos relatam a data precisa da morte de João Batista, mas relatam apenas alguns aspectos da sua ocorrência, aproveitando o relato do momento em que Herodes Antipas (filho de Herodes, o Grande, que em 4 a.C assumiu o governo da Galiléia e da Peréia, por concessão dos romanos), ficou admirado ao saber da fama de Jesus e pensava ser João, a quem mandara degolar na prisão.

Devido ao relato de Marcos (Mr 1.14) ficamos sabendo que Jesus só começou o seu ministério de pregação depois que João Batista foi lançado no cárcere e, por Mateus (Mt 11.2) que João acompanhou do ministério de Jesus de dentro do cárcere, até que foi morto por ordem de Herodes.

Para fins didáticos precisamos estudar estas narrativas em duas etapas. Primeiramente a respeito da intranqüilidade de Herodes (inclusive Lucas só faz menção desse fato) e, depois, as narrativas de Mateus e Marcos a respeito da prisão e morte de João Batista.

A INTRANQUILIDADE DE HERODES Mt 14.1-3; Mr 6.14-17

A fama dos feitos de Jesus chegou a Herodes com certa facilidade, pois ele residia em Séforis, a apenas 6 km da cidade de Nazaré. Certamente vinha acumulando informações sobre os milagres e ensinamentos de Jesus em toda a região da Galiléia e ficou muito perplexo (Lc 9.7). Talvez por causa de uma consciência pesada, por medo e por influência do povo que afirmava que Jesus era João Batista ressuscitado, Herodes também afirmava ser João, a quem ele mandara degolar (Mr 6.16) e, ao mesmo tempo, em dúvida, procurava ver a Jesus (Lc 9.9).

Deve ser observado que a presença, os ensinamentos e os feitos de Jesus incomodavam àquele homem que, sentindo-se poderoso, cometeria atos pecaminosos contra um grande servo de Deus. Também vale observar que Herodes só conseguiu ver a Jesus quando este foi preso, porque Pilatos o enviou

até o tetrarca e que, mesmo vendo a Jesus, nunca se arrependeu dos seus pecados.

A PRISÃO DE JOÃO BATISTA *Mt 14.3-5; Mr 6.17-20*

Herodes iniciou seus atos de maldade contra o precursor de Jesus ao lança-lo na prisão e fez isso por um motivo torpe: Ficou irado com a palavra de exortação que o profeta proferiu, porquanto havia se divorciado da sua mulher e casado novamente com a esposa do seu irmão Filipe. Irado e movido por motivos políticos, uma vez que temia que a exortação de João o configurasse como um agitador que se lançava contra o governante.

No cárcere João ficou maniatado, como um criminoso cruel e perigoso mas, como se pode inferir de outros textos, recebia a visita de seus discípulos. Também, pela narrativa de Marcos, percebe-se que Herodes o visitava e que o escutava de boa mente (Mr 6.20), configurando uma situação bastante estranha, uma vez que Mateus registra que Herodes queria mata-lo, mas não o fazia porque o povo tinha João como um profeta (v. 5) e Marcos registra, ainda, que Herodes guardava João em segurança, protegendo de Herodias, sabendo que era varão justo e santo (v. 19,20).

O que se percebe no texto é que sentimentos confusos se instalaram

no coração de Herodes. Mesmo reconhecendo que João era homem justo e santo, mesmo ouvindo suas palavras, mesmo guardando-o contra a ira de sua mulher, Herodias, mantinha o profeta preso por questões políticas.

A MORTE DE JOÃO BATISTA *Mt 14.6-12; Mr 6.21*

Creio que podemos afirmar que a morte de João Batista foi o clímax do resultado de um conjunto de atitudes e atos pecaminosos que se acumularam na vida de Herodes e de Herodias, com sua filha, Salomé (o historiador Josefo afirma que esse era o nome da filha de Herodias).

Primeiro aconteceram os atos pecaminosos do casamento ilícito de Herodes com Herodias; depois a atitude pecaminosa de Herodes de não dar ouvidos à palavra do servo de Deus e se arrepender do seu pecado; a seguir, o ato de lançar João Batista na prisão sem que este tivesse culpa de fato; depois, ainda, a manter João na prisão somente por causa de questões políticas; depois, por causa da falta de sobriedade em Herodes que, movido por uma euforia passageira, motivada por um espetáculo carnal e, provavelmente, voluptuoso, prometeu a Salomé tudo o que ela desejasse (Mr 6.22); e, finalmente, cumpriu a sua promessa, mandando degolar João Batista, porque colocou a sua soberba acima da sua consciência,

mais para o interior e, atravessando o rio Jordão, desceu para as regiões de Decápolis, a mesma região onde libertou o endemoninhado de Gadara.

Em algum ponto dessa região foi-lhe trazido um homem surdo e que, por isso, tinha muita dificuldade para falar. Novamente encontramos aqui alguém fazendo uma súplica a Jesus e novamente **a súplica é de terceiros em favor de alguma outra pessoa**. Jesus atendeu o pedido, mas não em público. Aquela cura não era para demonstrar o seu poder, mas somente para atender a um pedido. Por isso Jesus tirou-o de entre a multidão e mandou que não fosse divulgada a cura. e, dessa feita, com gestos demonstrou àquele homem que realizaria algo nele. Colocando os dedos nos ouvidos e tocando-lhe a língua com a sua saliva, estava estabelecendo um contato pessoal com o surdo. Em seguida disse ao surdo: “Abre-te” e, pela palavra de Cristo e não pelos gestos, os ouvidos do homem foram abertos e começou a falar perfeitamente.

Desse milagre podemos tirar, pelo menos, as seguintes conclusões: 1) *Jesus age conforme os seus critérios pessoais*. Foram a Jesus e pediram que pusesse as mãos sobre o surdo. Jesus, ao invés disso, fez outros gestos; 2) *Jesus não fazia milagres para uma promoção pessoal, em atos individuais de popularidade*. Ele fez o milagre à parte da multidão e determinou que o fato não fosse divulgado; 3) *Jesus atende a súplicas que terceiros fazem*

por outras pessoas. Vale a pena orarmos pelo nosso semelhante.

JUNTO AO MAR DA GALILÉIA, JESUS REALIZA A SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DE PÃES E PEIXES

Mt 15.29-38; Mr 8.1-9

Marcos não determina a época do acontecimento, apesar de colocá-lo em uma seqüência com a cura do homem surdo. Mateus é mais específico em determinar a época e a região do acontecimento, registrando a partida de Jesus da região de Decápolis, a chegada às margens do mar da Galiléia e a subida a um monte. Marcos registra que era um lugar desabitado (Mr 8.4).

Ao que parece, o Senhor Jesus estava realmente cansado, pois estava viajando à pé, cobrindo longas distâncias. Mas não havia tempo, o seu ministério tinha que ser cumprido no tempo determinado por Deus. As multidões foram até ele (interessante notar que Mateus utiliza o verbo *vir* ao invés do verbo *ir*, demonstrando, assim, que estava junto com Jesus e o que faz dele uma testemunha do fato histórico da segunda multiplicação) levando muitos enfermos que colocavam aos pés de Jesus e ele os curava, levando-os a glorificarem a Deus. Em determinado momento, depois de passados três dias, o Senhor teve compaixão da multidão (cerca de quatro mil homens, fora mulheres e crianças Mt 15.38). Temeroso de

A mulher foi atrás de Jesus **ao ouvir falar dele**. Isto significa que alguém o viu, identificou e divulgou a notícia de que estava entre eles. Há quem fique admirado de pessoas não judias terem conseguido identificar Jesus em uma região estrangeira, fora da Galiléia ou Judéia. Mas devemos lembrar que pessoas daquela região já haviam presenciado milagres e ouvido pregações de Jesus (Mr 3.8).

Os dois autores se complementam na narrativa do acontecimento e Mateus deixa claro que não foi uma abordagem simples, fácil de ser conseguida. Os discípulos de Jesus, talvez em uma atitude de desprezo por uma pessoa pagã (segundo a ótica deles), logo fizeram um outro tipo de rogo a Jesus, o de que ele mandasse a mulher embora porque ela estava andando atrás deles, clamando por ajuda. Jesus, aparentemente atendendo ao pedido de seus discípulos, disse à mulher que fora enviado somente aos da casa de Israel. Sem desistir, a mulher se prostrou aos pés de Jesus e o adorou, chamando-o de Senhor e pedindo por socorro. Jesus continuou insistindo na primazia do seu ministério para o povo de Israel utilizando uma ilustração retirada do cotidiano e colocando em prova final a humildade daquela mulher: Os de Israel foram comparados a filhos e os gentios a cachorrinhos. Ou seja, a mulher e sua filha, aparentemente, foram colocadas em segundo

plano por aquele a quem ela estava adorando.

Mas ela passou no teste de humildade e, assumindo a posição secundária que Jesus indicara, colocando-se na posição de serva, respondeu que *“os cachorrinhos debaixo da mesa comem das migalhas dos filhos que caem da mesa dos seus donos”* (unindo os textos de Mt 15.27 e Mr 7.28). Não existia no coração daquela mulher qualquer tipo de soberba, de pretensão de adquirir ou demonstrar *status* elevado. O que ela desejava era ver sua filha sendo beneficiada pela misericórdia de Jesus e ficando livre do maligno que a atormentava.

As atitudes de **sair após Jesus somente por ouvir falar dele, de suplicar por socorro, de adorá-lo como Deus e de extrema humildade diante da pessoa e das palavras de Jesus** formavam na mulher um conjunto que manifestava ao Senhor o tipo de fé que ela possuía. Uma fé cuja grandiosidade mereceu o testemunho do próprio Filho de Deus. Uma fé que ficou manifestada totalmente em suas últimas palavras (Mr 7.29) e que levou o Jesus Cristo a atender o seu pedido.

NAS REGIÕES DE DECÁPOLIS JESUS CURA DE UM SURDO - Mr 7.31-37

Quando deixou a cidade de Tiro que ficava no litoral da Fenícia, passou por Sidom penetrando

ficando preso a um juramento pecaminoso e ao desejo de agradar aos seus convivas, mesmo que às custas de uma vida inocente.

É claro que as atitudes e atos pecaminosos não foram somente de Herodes. Herodias nutria grande rancor por João (Mr 6.19) porque este apontara também o seu adultério. Sua filha tinha o coração tão sórdido quanto o da mãe e, talvez, nutrisse o mesmo rancor por João Batista, uma vez que, tendo aceitado a instigação da sua mãe, pediu que João Batista fosse executado **imediatamente** e que a cabeça dele fosse dada **a ela** (não à sua mãe) em um prato (Mr 6.25). A filha parecia possuir a mesma personalidade sádica, degenerada, da mãe e presenteou à sua genitora com a cabeça do homem odiado.

OS EFEITOS DA MORTE DE JOÃO BATISTA

Mt 14.12,13; Ma 6.29

Os evangelistas não falam objetivamente dos efeitos da morte do precursor de Jesus, mas podemos, com certa facilidade, inferi-los dos textos.

1. O efeito quanto ao ministério de João - Tanto Mateus quanto Marcos registram que os discípulos de João Batista, depois que este foi degolado, tomaram o corpo dele e sepultaram. Ali, no sepulcro, estava encerrado o ministério de João. Ali

estava a prova de que ele não era o Messias, como tantos pensaram. Ali estava a prova de que ele era um homem de Deus, o maior de todos os profetas (conforme Jesus afirmou), mas um homem comum, mortal. Não poderia ser seguido como o Salvador, como o Messias prometido por Deus, como aquele que daria a vida eterna porque ele próprio, por si mesmo, não conseguiu vencer a morte.

Mateus deixou registrado que seus discípulos foram avisar a Jesus da morte de João. Isso consigna que eles reconheceram a superioridade de Jesus sobre o mestre deles, João.

Adolf Pohl, em seu comentário a respeito do livro de Marcos, editado pela Editora Evangélica Esperança, Curitiba, em 1998, sugere que a narrativa da morte de João tivesse sido registrada com tantos detalhes por Marcos exatamente com a finalidade de fazer um paralelo entre a morte de João e a morte de Jesus. Ambas injustas, ambas motivadas por soberba, ódio e desejo de poder, ambas executadas por indivíduos detentores de poder e que reconheciam a santidade e justiça de João e de Jesus, ambas executadas a pedido de terceiros. Creio que o autor tem razão. Há muitos fatos semelhantes. Mas as semelhanças terminaram nas sepulturas porque a de João Batista continuou contendo seus restos mortais e ele só ressuscitaria no final dos tempos.

Diferentemente, Jesus também foi colocado na sepultura por um discípulo seu, mas ressuscitou ao terceiro dia e quando foram visitar seu corpo o encontraram ressurreto. Provou ser, de fato, o Salvador, aquele que poderia dar a vida.

2. O efeito nos discípulos de João Naturalmente foram até Jesus. Não poderiam mais servir a João, mas poderiam servir àquele que era mais que João, àquele que era do céu.

3. O efeito em Jesus O anúncio da morte de João coincidiu com o retorno dos apóstolos de Jesus que haviam sido enviados a pregar a chegada do reino de Deus. Ao mesmo tempo que Jesus recebia seus apóstolos com notícias alvissareiras, alegres, recebia, também, a notícia da morte de João Batista. Mateus registra que Jesus ouvindo da morte de João Batista, entrou em um barco e retirou-se para um lugar deserto. Marcos registra que ele o fez juntamente com seus apóstolos.

Certamente o Senhor estava entristecido, seu coração estava pesaroso pela ausência, neste mundo, do seu maior profeta.

CONCLUSÃO

Creio ser temeroso afirmarmos que Deus fez algo, ou permitiu que algo acontecesse por esse ou aquele motivo. Estaríamos nos colocando na posição de dele, com se fôssemos capazes de decifrar os seus

mistérios. No entanto podemos vislumbrar alguma coisa através dos textos bíblicos e, na morte de João Batista, podemos perceber que Deus permitiu a morte de seu servo e que permitiu que determinados fatos acontecessem fazendo parte do seu planejamento para a salvação da humanidade. O grande profeta não pôde ser visto, de forma alguma, como o Messias, mas foi morto em situações semelhantes a ele: preso por causa do ódio que a sua pregação fez brotar no coração humano, foi morto por motivos sórdidos, mesquinhos, soberbos encontrados, também, em corações humanos. O profeta cumpriu com fidelidade o ministério que Deus lhe deu, manteve-se com humildade e dedicação em seu lugar e foi morto por causa da sua palavra que era, na realidade, a Palavra de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Lucas 3.1-20

Terça - Mateus 11.1-19

Quarta - João 1.15-29

Quinta - Mateus 14.1-12

Sexta - João 5.33-36

Sábado - Marcos 6.14-20

Estudo 35

JESUS SE RETIRA PARA A FENÍCIA

A essa altura do ministério de Jesus, conforme registra Mateus (7.1), os líderes judeus já estavam procurando matá-lo e ele evitava andar pela região da Judéia. Talvez por esse motivo principal ele tenha desejado retirar-se da Galiléia. Ele já havia tentado se retirar juntamente com seus discípulos, mas não conseguira, vendo-se impulsionado a atender as multidões que o haviam seguido, tendo que fugir dos que tentavam fazê-lo rei depois da multiplicação dos pães, sendo assediado novamente pela multidão que desejava receber mais pão e, finalmente, tendo que enfrentar os fariseus e escribas que questionaram o comportamento religioso de seus discípulos.

Ao que parece, Jesus foi para uma região distante com a finalidade de evitar uma morte prematura, antes do tempo determinado por Deus.

Mas, chegando ao lugar para onde se dirigira, logo ele foi envolvido e se deixou envolver em atividades dignas do Salvador, do Filho de Deus.

NA REGIÃO DE TIRO, JESUS LIBERTA UMA MENINA DE TORMENTOS DEMONÍACOS

Mt 15.21-28; Mr 7.24-30

Para se retirar, Jesus se dirigiu à cidade de Tiro, na Fenícia (no dito popular dos judeus, ficava na terra de Canaã, daí Mateus ter dito que Jesus foi abordado por uma mulher cananéia). Desde os tempos do Velho Testamento era uma cidade mal-afamada para os judeus, posto que de lá havia saído Jezabel, a rainha que levou Israel às piores práticas do paganismo. O próprio Senhor Jesus já havia feito referência à incredulidade de Tiro e Sidom (Mt 11.22) em ocasião anterior à sua retirada.

Chegando lá, entrou em uma determinada casa, procurando ficar isolado, não querendo que as pessoas soubessem que estava ali. No entanto, logo uma mulher veio ter com ele rogando-lhe que expulsasse um demônio de sua filha que, conforme palavras dela, estava terrivelmente endemoninhada (Mt 15.22).

tendência e levam pessoas a sacrifícios físicos e a comportamentos ascéticos com a suposta finalidade de produzir purificação espiritual.

Enquanto se preocupa com ritos de purificação, o homem se esquece que o mal está em seu coração e que é do coração que saem os pecados. Jesus ensinou assim quando disse que é do coração que procedem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, a prostituição, os furtos, as mentiras, as blasfêmias, a avareza, as maldades, o dolo, a libertinagem, a inveja, a soberba e a insensatez. Procedem do coração porque ficam escondidos, camuflados, disfarçados pela observância de tradições inúteis.

AS TRADIÇÕES HUMANAS SÃO RESULTADO DE CEGUEIRA ESPIRITUAL

Mt 15.12-14

Os fariseus e os escribas gostavam de ser seguidos, obedecidos, de se sentirem os líderes espirituais do povo. Sentiam-se iluminados, privilegiados e mantinham o povo sob seu domínio através da religiosidade inútil. Mas Jesus disse que eram guias cegos. Com isso estava dizendo que estavam em trevas. Pior ainda, quando os comparou a guias, que caminham em alguma direção, afirmou que não estavam estagnados, em uma situação definida e estabilizada, porém em uma situa-

ção que progredia em direção à perdição, à queda total, à separação definitiva do reino de Deus.

Eram, também, como plantas que não foram semeadas por Deus e, por isso, seriam arrancadas do canteiro divino.

As tradições religiosas foram criadas por indivíduos que vivem nas trevas, que não sabem para onde vão e que, infelizmente, levam outros consigo, sem nem mesmo saberem para onde estão indo e para onde estão levando seus seguidores.

CONCLUSÃO

Diante dos ensinamentos de Jesus Cristo fica inquestionável a primordial importância das Escrituras para uma vida cristã autêntica e a inutilidade maligna das tradições criadas por homens e impingidas a pessoas que, com sinceridade buscam a Deus.

São tradições que resultam de uma religiosidade aparente, que não procede de um coração temente a Deus, de fato. Ao invés disso, procedem de corações arraigados à materialidade e carregados de pecado. Por prosseguirem agarrados às tradições humanas, pessoas vivem nas trevas e nelas continuam insistentemente até a perdição eterna.

LEITURAS DIÁRIAS

Seg - *Mat 15.1-20*; **Ter** - *Mar 7.1-23*;
Qua *Col 2.4-19*; **Qui** - *2Tes 2*; **Sex** -
1Pd 1.1-19; **Sab** - *Gal 1.6-16*

Estudo 32

A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Chegamos ao momento de estudarmos um dos episódios mais conhecidos do ministério de Jesus, que tem sido anunciado em todos os recantos do mundo com as mais diversas interpretações e aplicações.

É um episódio aparentemente fácil de ser compreendido, mas que só pode ser corretamente interpretado se for estudado à luz das narrativas dos quatro evangelistas, porquanto elas se completam e dão luz às realidades do acontecimento e às suas interpretações para a vida cristã.

O MOMENTO DO MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

Mt 14.13-21; *Mr 6.30-44*; *Lc 9.10-17*;
João 6.1-13

Jesus havia recebido dois tipos de relatório: um de seus discípulos que haviam retornado da campanha evangelística que tinham acabado de realizar e outro dos discípulos de João Batista a respeito da morte do profeta. Da maneira que Mateus narra o momento da retirada de Jesus, dá a entender que ele ficou bastante contristado (*Mt 13.1*) e, observando os escritos de Marcos e Lucas, percebemos que ele se retirou

levando, também, os apóstolos para que pudessem descansar e ficar a sós. Partiram, então, para um lugar desabitado (Marcos registra como sendo um lugar deserto, sem pessoas), do outro lado do Mar da Galiléia, na região de Betsaida.

Muitos, no entanto, o viram partir (*Mr 6.33*) e logo uma multidão se dirigiu, à pé, de todas as cidades da região, para onde Jesus se dirigia e muitas pessoas chegaram lá antes dele e seus apóstolos.

Quando desembarcaram, Jesus viu a multidão e, compadecendo-se das pessoas porque “eram como ovelhas que não têm pastor” (*Mr 6.34*), subiu a um monte com seus discípulos (*Jo 6.3*) e começou a **ensinar-lhes**, falando-lhes a respeito do reino de Deus (*Lc 9.11*) e **curando**, também, os que necessitavam de cura (*Mt 14.14*). Passou o dia ensinando e curando os enfermos até que, quando o dia já declinava, levantou os olhos, observou a grande multidão e perguntou a Filipe, onde comprariam pão para tanta gente (*Jo 6.6*). Certamente cansados e famintos, os doze apóstolos tinham-se achegado a ele, e responderam que o lugar era desabitado e que Jesus, então, os

despedisse para que pudessem ir e **comprar** alimento nas aldeias ao redor do lugar. Jesus respondeu-lhes que não precisavam ir embora e que seus discípulos lhes dessem de comer (**João registra que Jesus os estava experimentando, pois bem sabia o que ele próprio havia de fazer**). Filipe tomou a palavra e disse a Jesus que duzentos denários (provavelmente o que o grupo tinha com eles) não seriam suficientes para comprar pão para tanta gente (Jo 6.7). Jesus, então, mandou que fizessem um levantamento para verificarem o que tinham para alimentar-se (Mr 6.38) e André deu o relatório, desanimando: Só havia ali um rapaz com cinco pães e dois peixinhos.

Jesus, então, mandou que os pães e os peixes fossem entregues a ele e que a multidão (cerca de cinco mil homens além de mulheres e crianças) se assentasse na relva, distribuída em grupos de cinquenta e de cem pessoas. Tomou os pães e os peixes, levantou os olhos ao céu, os abençoou e começou a partir os pães e os peixes e a entregar aos seus discípulos para que distribuíssem com as pessoas que estavam ali, assentadas. Repartiu e distribuiu até que todos se fartaram e que sobrassem doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixes.

O RESULTADO DA MULTIPLICAÇÃO - Mt 14.22,23; Mr 6.45,46; Jo 6.14,15;22-71

O único evangelista que mostra com detalhes o que aconteceu com a multidão, com Jesus e seus discípulos, após a multiplicação dos pães e

peixes, é o apóstolo João. E registra os seguintes efeitos sobre as pessoas:

1. Acharam que Jesus era o profeta que devia vir ao mundo - João 6.14. Algumas versões traduzem que o povo declarou que Jesus era o profeta “que **havia** de vir ao mundo”, mas não é uma tradução exata, que reflita o pensamento da multidão. A Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil e a Edição Revista e Corrigida da Sociedade Trinitariana do Brasil, dentre outras, traduzem “que **devia** vir ao mundo” e dá o sentido mais exato. O povo ficou encantado com o milagre e as pessoas declararam que Jesus era, de fato, o **profeta** de tinha que vir ao mundo, o profeta “na medida certa” para o que eles queriam. Os ensinamentos (devemos lembrar que a principal função do profeta é anunciar a Palavra de Deus) e os outros milagres foram apagados de suas memórias e não ocuparam lugar de importância para referendar que Jesus era o Cristo, mas a multiplicação dos pães ficou marcada e fez com que exultassem com Jesus e o considerassem como sendo o profeta necessário ao povo judeu.

2. Quiseram fazer de Jesus o seu rei João 6.15. Exultaram tanto por causa da multiplicação dos pães, por causa da alimentação abundante e grátis, que estavam se preparando para pegar Jesus à força e levá-lo para o fazerem rei. Não deram a devida importância à missão redentora de Jesus, à sua missão de salvação dos pecados, à sua condição de Filho de Deus. Só queriam Jesus como rei para que pudessem satisfazer suas necessidades materiais à vontade.

a Deus acima de qualquer coisa e ao próximo como a si mesmo (Mr 12.28-31). Como poderia um homem amar a Deus a quem não via, e não amar a seus pais a quem via, com os quais convivia e dos quais fora gerado? (1Jo 4.20)

De fato aqueles homens que criticavam os discípulos de Jesus não tinham qualquer amor ou temor a Deus. Eram hipócritas religiosos.

AS TRADIÇÕES HUMANAS INVALIDAM A PALAVRA DE DEUS Mt 15.6; Mr 7.13

A crença irrestrita na Palavra de Deus e a conseqüente obediência a ela constituem o tema principal de toda a Bíblia. A Palavra de Deus falada aos antigos foi escrita, tornando-se um referencial infalível para o homem que deseja a salvação e a comunhão com o seu Criador. Até mesmo o Salvador, Jesus, é anunciado como a Palavra de Deus personificada em seu Filho (Jo 1.1).

Sendo assim, é fácil compreendermos que Satanás se antepõe com tenacidade à Palavra de Deus. Opôs-se sugerindo ao primeiro casal que não cresse no que Deus lhes havia dito (Gn 3.4,5) e continuou sua obra maléfica lutando contra os profetas que pregaram a Palavra de Deus, contra o Filho de Deus e contra todos os seus discípulos que procuram viver com fidelidade às Escrituras, reconhecendo o seu

valor como sendo a Palavra de Deus escrita.

Essa luta tem se manifestado na soberba humana em considerar que os sentimentos, conjecturas, filosofias e religiosidades próprias são superiores à Palavra de Deus e em substituí-la pelas suas tradições religiosas. Uma das provas dessa soberba é o dito judeu, já comentado, de que “o próprio Deus estava ocupado no céu recitando com movimentos da cabeça as sabedorias rabínicas”.

Todo preceito religioso fora das Escrituras é falho, é soberbo, é ineficiente para levar à comunhão com Deus e à salvação. Todo preceito religioso humano abre espaço para dominações, infelicidades, opressões, desavenças, inimizades e outras manifestações de pecado. Isto porque as tradições humanas invalidam a Palavra de Deus no coração do homem.

AS TRADIÇÕES HUMANAS ESCONDEM OS PECADOS NOS CORAÇÕES

Mt 15.17-20; Mr 7.18-23

O homem vê segundo a aparência e não consegue ver o que há no coração. Certamente que ver o seu próprio coração é muito difícil. Por isso o homem se preocupa muito com o que é exterior, com rituais de purificação físicos, com comportamentos aparentes. As tradições religiosas humanas seguem essa

Das palavras repreensivas de Jesus aos escribas e fariseus e instrutivas à multidão, observamos o seguinte.

AS TRADIÇÕES HUMANAS RESULTAM EM HIPOCRISIA RELIGIOSA

Mt 15.7-9; Mr 7.6-9

O Senhor Jesus se dirigiu aos seus inquisidores chamando-os de hipócritas e, ao mesmo tempo, definindo o tipo de hipocrisia que cultivavam e viviam. Eram homens que aparentavam preocupação com as coisas de Deus, mas, que se preocupavam, de fato, com suas tradições pessoais. Viviam uma religiosidade superficial, aparentavam honrar a Deus, mas tinham seus corações completamente distanciados de Deus. Uma hipocrisia que os levava a duas atitudes religiosas que mereceram a reprovação de Jesus: adoração inútil e atividades de ensino religioso que eram apenas preceitos humanos.

As duas atitudes religiosas eram resultado do abandono do mandamento divino e apego às tradições humanas. Um resultado que não se origina em atitudes inadvertidas, porém em atitudes geradas por propósitos pessoais definidos e pecaminosos. No caso, Jesus apontou o propósito dos fariseus e escribas de abandonar o mandamento divino. Um propósito sutil, talvez até inconsciente, mas que

estava em seus corações. Eles se apegavam à tradição humana, se tornavam hipócritas religiosos, porque eram apegados aos seus bens econômicos e não queriam abrir mãos deles nem mesmo para honrar a seus pais, sustentando-os na velhice. Corbã era um juramento praticado pelos judeus de oferenda e sacrifício a Deus. Era pronunciado quando alguma coisa assumia o caráter de uma oferta de sacrifício, mas não significava que o que era dedicado deveria ser entregue no templo, mas, apenas que o uso original não estava mais em cogitação. “Precisamos lembrar da dignidade que o quarto mandamento tinha no judaísmo. Honrar pai e mãe na velhice significava, entre outras coisas, realmente dar-lhe comida e bebida, roupa e cobertor, levá-lo e trazê-lo e lavar-lhe rosto, mãos e pés. (...) Apesar disso, o filho podia subtraír-se a essas obrigações, sem perder a fama de fiel seguidor da lei nem ir para o inferno, desde que dissesse o juramento”. (Adolf Pohl, op.cit., pag. 225)

Isto significa que o apego às tradições humanas os levava a hipocrisia religiosa, que se manifestava em práticas que eram maléficas acobertadas por uma aparente fidelidade religiosa. Certamente aqueles homens não eram sinceros na prática do judaísmo que, se observado conforme os mandamentos divinos, se resumia em amar

3. Rejeitaram a pregação de Jesus

Mat 14.22,23; Mar 6.45,46; João 6.22-71. Quando percebeu que a multidão queria levá-lo, à força, para o fazerem rei, Jesus tomou duas atitudes: mandou que seus discípulos entrassem novamente no barco e voltassem ao ponto de partida, a cidade de Cafarnaum, e retirou-se sozinho para o monte, para orar. Alta hora da noite foi ao encontro dos seus apóstolos que ainda remavam no meio do mar, entrou no barco com eles e chegaram ao outro lado (estudaremos o episódio na próxima lição). Só que a multidão, no dia seguinte, descobriu para onde Jesus fora e foram atrás dele, em Cafarnaum, querendo mais pão (João 6.25,26). Jesus **não lhes deu mais pão** e proferiu um duro sermão a respeito da necessidade de trabalharem pela vida eterna e não pela comida que perece. Ainda querendo agradar Jesus com blandícias, perguntaram que deveriam fazer para praticarem as obras de Deus e Jesus lhes respondeu que a obra de Deus é que **cressem naquele que ele enviou** (João 6.28,29). Prosseguiu se apresentando como sendo o pão da vida (João 6.35,38) e afirmando que desceu do céu para dar a vida eterna (João 6.37-40) e o povo prosseguiu endurecendo o coração, rejeitando crer nele como o Salvador, como o pão da vida que desceu do céu (João 6.41-65). A pregação foi fazendo com que a multidão abandonasse a Jesus gradativamente (a prova disso é que em determinado ponto da sua pregação, já estava falando na sinagoga - João 6.59 -, lugar impossível de conter mais de cinco mil pessoas) até que abandonaram por completo, ficando

somente os doze apóstolos, a quem Jesus sugeriu a possibilidade de se retiraram também (João 6.66-67), o que foi rejeitado por eles, pois reconheceram que somente ele tinha **as palavras da vida eterna**.

O resultado final da multiplicação dos pães foi que todas aquelas pessoas **mudaram seus corações**, com exceção dos doze apóstolos de Jesus, e não tiveram mais disposição para ouvir a Jesus. Eles que tinham ficado um dia inteiro ouvindo, com fome, agora já não queriam mais saber das palavras da vida eterna; só queriam saber de pão.

POR QUE JESUS MULTIPLICOU OS PÃES?

À luz de várias interpretações e aplicações do episódio, inclusive interpretações com vistas à ação social, e do resultado do endurecimento dos corações dos que foram beneficiados, somos obrigados a refletir sobre o motivo que levou Jesus a realizar o milagre. Vamos iniciar descartando alguns motivos aparentes:

a) *Não foi por uma ação social para alimentar pobres*. Muitos têm interpretado a ação de Jesus como tendo sido de beneficência a pessoas necessitadas ou como uma ordem de Jesus aos seus discípulos para que fizessem a beneficência a todos os necessitados. Outros, ainda, utilizam o texto para dizer que é necessário dar alimento às pessoas necessitadas antes de se pregar o evangelho. Os textos mostram que isso não é verdade. Jesus não mandou que seus discípulos saíssem pelas cidades

ajudando aos necessitados, mas mandou que seus discípulos alimentassem a um grupo específico, de pessoas que tinham vindo de lugares distantes e que tinham ficado o dia inteiro a escutá-lo. Além disso, eram pessoas com possibilidade de comprar seus alimentos (Mt 14.15; Mr 6.36) e até de se hospedarem nas aldeias e propriedades rurais (Lc 9.12). Quanto a estar ordenando aos seus discípulos que fizessem beneficência, é uma interpretação impossível, uma vez que **os pães não foram distribuídos com recursos deles**, porém por milagre de Jesus.

b) *Não foi por impossibilidade de buscarem alimento* Isso já vimos com referência à sugestão dos discípulos de Jesus de que os despedisse para que pudessem ir às aldeias ao redor. O lugar era desabitado, mas existiam aldeias próximas que poderiam ser alcançadas pelas pessoas.

c) *Não foi para mostrar o poder de Jesus* Ele já havia demonstrado o seu poder curando enfermos e expulsando demônios.

Na realidade o que Jesus fez foi, primeiramente **somente pela compaixão das pessoas** que haviam se disposto a segui-lo e a escutá-lo durante todo o dia, independentemente de suas possibilidades de aquisição de alimentos; e, em segundo plano, **para alegorizar o processo de evangelização que seus discípulos abraçariam**. Se não, vejamos:

1. Mandou que seus discípulos alimentassem apesar dos poucos recursos que possuíam. Filipe reconheceu que o dinheiro era muito

pouco e André localizou somente uma pessoa em condições de cooperar com a alimentação. Na realidade os recursos seriam do próprio Senhor Jesus que seriam providos pelo seu poder.

2. Entregou o pão aos seus discípulos que, por sua vez, entregaram à multidão. Entregaram o que receberam de Jesus.

3. Uma pequena quantidade de pão e peixe cresceu e foi multiplicada de maneira que atendeu a uma multidão incontável. A pregação do evangelho começou a alguns discípulos, que por sua vez levaram adiante a pregação e logo alcançou uma grande parte da humanidade.

4. O pão multiplicado foi entregue às pessoas que estavam assentadas. Jesus se apresentou como sendo o pão da vida e mandou que as pessoas trabalhassem para recebê-lo, apenas crendo nele. Quando ordenou que seus discípulos pregassem o evangelho por todo mundo, mandou que fossem às nações e não que as nações viessem até eles. E disse que quem crescesse no evangelho, seria salvo, ou seja, teria o pão da vida.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 14:13-36;

Terça - Marcos 6:30-56

Quarta - Lucas 9:10-17

Quinta - João 6.1-15

Sexta - João 6.16-21

Sábado - João 6.22-71

Estudo 34

A TRADIÇÃO DO HOMEM INVALIDANDO A PALAVRA DE DEUS

Após ter multiplicado os pães e peixes e, no dia seguinte, ter pregado o sermão em que se apresentou como o pão da vida que veio dos céus, e ter conclamado as multidões a trabalharem pela comida que permanece para sempre, não ser ouvido e ser deixado sozinho com seus apóstolos, Jesus continuou em Cafarnaum.

Em algum momento dessa estadia na cidade onde residia, escribas e fariseus foram procurar o Senhor e repararam que alguns de seus discípulos comiam sem lavar as mãos (Mr 7.2), diferentemente deles que se viam na obrigação de guardar uma tradição ritualística dos anciãos, cheia de detalhes inúteis à vida com Deus. Inconformados, foram inquirir Jesus acerca do motivo de os seus discípulos não se comportarem conforme a tradição dos anciãos.

Ao se referirem à tradição, estavam falando dos preceitos que, segundo eles, regulamentavam a Lei de Moisés (Torá) que tinham sido

séculos e fielmente passado de geração a geração. Eram preceitos que adquiriram imenso valor para os judeus, ultrapassando até mesmo as Escrituras. Adolf Pohl diz que esse valor “começou com a atribuição (da tradição) ao próprio Moisés” e que “a Torá escrita não era mais antiga que a 'transmissão' oral” pois Moisés a teria mantido oculta no começo. Diz ele, ainda, que “no fim chegou-se ao ponto de se dizer que o próprio Deus estaria ocupado no céu recitando com movimentos da cabeça as sabedorias rabínicas.” Termina o seu comentário observando que “A 'tradição dos antigos' tinha-se tornado o alicerce inatacável do judaísmo, e o farisaísmo era o seu guardião especial.” (op.cit. pag. 224)

Jesus respondeu aos fariseus repreendendo-os severamente, demonstrando que a tradição dos anciãos, tão valiosa para eles, era inútil e perniciosa para a vida com Deus, e aproveitou a oportunidade para ensinar às multidões a respeito do valor das Escrituras.

dúvida de Pedro que manifestou a sua pequena fé foi na palavra do Senhor Jesus Cristo. Ele duvidou duas vezes: a primeira quando Jesus disse que era ele quem estava se aproximando do barco. Pedro não tinha que fazer nenhum teste. Os testes com Deus, com Cristo, são manifestações de falta de fé e não de fé. Se a Palavra de Deus expressa promessas para seus servos, cabe a estes apenas esperar por elas. A segunda vez que Pedro duvidou da palavra de Cristo foi quando ele disse: “Vem”. Uma palavra simples, objetiva, mas seguramente vinda de quem a podia proferir. A crença naquela pequenina palavra deveria se prolongar até que ele chegasse junto de Jesus. Não era somente para descer do barco, ou para esbarrar com o primeiro vento que soprasse, mas era para permanecer até o seu destino final.

Fico a pensar em pessoas que ficam a inventar tradições complicadas, ordenanças de homens dizendo que faz parte do cristianismo, que há necessidade de adaptação dos ensinamentos de Cristo aos tempos modernos, quando, na realidade tudo passará mas as palavras de Cristo nunca hão de passar. Se cremos em Cristo para a salvação, não foi só para um momento mas para toda a eternidade.

Pedro ainda teve um outro tipo de dúvida: o de Cristo o salvaria

quando estava submergindo. Por isso começou a gritar. Mas não fora Cristo quem mandara que fosse até ele? Então que esperasse porque, por certo, o Senhor o salvaria. Jesus não havia prometido que ele seria um pescador de homens? Ele ainda nem começara o seu ministério, como o Senhor o deixaria perecer?

O RESULTADO DO ATO DE JESUS

Ele foi adorado como o Filho de Deus. Imagine-se a cena: Jesus em pé dentro do barco, seus discípulos ajoelhados dentro do barco, adorando a Jesus e confessando que ele era, verdadeiramente, o Filho de Deus.

Tudo o que Jesus realiza em nossas vidas, se for ele mesmo quem realiza, nos leva a adorá-lo, a reconhecermos que ele é o Filho de Deus, o Salvador que foi enviado ao mundo. Nos leva a atitudes de humildade, reverência, respeito e gratidão para com ele.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 14.22-33

Terça - Marcos 6.45-52

Quarta - João 6.15-21

Quinta - Romanos 5.1-5

Sexta - 1 Tessalonicenses 1

Sábado - 1 Pedro 1.3-16

Estudo 33

JESUS ANDA SOBRE O MAR

Textos: Mateus 14.22-33; Marcos 6.45-52; João 6.15-21

Quando a multidão recebeu tanto alimento de graça, quis fazer de Jesus o seu rei (Jo 6.15), mas ele obrigou seus discípulos a entrar no barco e passar para o outro lado do mar da Galiléia, para a região da cidade de Betsaida, despediu as multidões e foi para o monte orar. João registra que já era de tardinha.

Conforme narrativa de Mateus, ao anoitecer Jesus já estava sozinho no monte e o barco com os discípulos já estava a uma grande distância da terra. Marcos afirma que o barco já estava no meio do mar. Mas, não estava correndo tudo de maneira natural, com os discípulos remando e o barco avançando. Ao contrário, remavam contra um vento muito forte que os impedia de avançar e que levantava fortes ondas.

Conforme o registro no texto de Marcos (v. 48), Jesus os viu lá do monte, fatigados, cansados de remar e não avançar e foi ter com eles. Mas, foi até eles quando e como? O que aconteceu quando os encontrou? Qual o resultado do ato de

Jesus? São pontos importantes dessa narrativa.

JESUS FOI TER COM SEUS DISCÍPULOS DE MADRUGADA

Os judeus dividiam a noite em quatro vigílias, que abrangiam períodos de três horas cada uma. A primeira vigília correspondia ao período de 18 às 21 horas; a segunda correspondia ao período de 21 às 24 horas; a terceira ao período de 00 às 03 horas; e a quarta ao período das 03 às 06 horas. Isto quer dizer duas coisas: a) Que o Senhor Jesus permaneceu orando no monte desde o cair da tarde (provavelmente em torno das 18 horas) até algum período da madrugada, entre as 03 e 06 horas da manhã; b) Que seus discípulos se esforçaram todo esse tempo, remando o barco e que Jesus só foi ao encontro deles quando já estavam cansados, com suas forças esgotadas.

Que importância prática tem isso para nós, discípulos de Cristo? Creio que nos dá a visão da importância

que Jesus dava a estar em comunhão com o Pai, conversando, confabulando, lançando sobre ele toda a sua ansiedade. Jesus nunca fez orações longas em público. A mais longa que é registrada nos Evangelhos está em João 17 mas se a cronometrarmos veremos que foi curta. No entanto, as suas orações particulares eram longas conversas entre Pai e Filho. Creio que devemos copiar seu exemplo e dedicarmos bastante tempo para conversar com Deus.

A outra lição prática é a de que o Senhor Jesus, mesmo nos amando profundamente (devemos lembrar sempre que ele deu a sua própria vida por nós), tem o tempo determinado por ele próprio, que lhe é conveniente, para nos atender em nossas aflições. É o tempo certo, que está de acordo com a sua divina sabedoria, que nos dá oportunidade de nos exercitarmos nas nossas capacidades de realização, que nos molda para suportarmos as aflições, mas que não é ultrapassado no limite que podemos suportar. Quando estivermos no nosso limite ele saberá, virá ao nosso encontro e estará conosco acalmando a tempestade.

JESUS FOI ATÉ SEUS DISCÍPULOS CAMINHANDO SOBRE O MAR

Não tomou um outro barco como seria natural para um homem

comum, mas colocou-se a caminhar mar adentro. Os incrédulos, que não conseguem crer nos registros Bíblicos dos milagres de Jesus e nem mesmo na sua natureza divina, afirmam, baseados em idéias pessoais conjecturadas a partir de base nenhuma, que Jesus conhecia um caminho de pedras que existia ali. Pensamento fútil, inútil e irracional. João afirma que seus discípulos o viram andando sobre o mar e ficaram excessivamente assustados, pensando que era um fantasma. Isto quer dizer que pescadores profissionais que existiam entre eles, que passaram grande parte de suas vidas naquelas águas, sabiam que era impossível que um homem estivesse andando sobre o mar, mesmo que aparentemente. Quer dizer que eles não conheciam caminho de pedras nenhum por ali. Como poderiam deixar de conhecer um caminho tão longo (iria da margem ao meio do mar) e tão à flor da água a ponto de permitir que alguém andasse parecendo estar na superfície? Como pescadores não conheceriam um caminho que um carpinteiro conheceria? A verdade é que temos que reconhecer que Jesus andou a pé mesmo sobre as águas do mar da Galiléia.

Gosto de fazer uma aplicação prática desse fato à minha vida cristã: Lembrar sempre que Jesus vem ao meu encontro nos piores momentos da minha vida como só

ele pode vir. Não existem barreiras que o impeçam de se aproximar dos seus servos. Ele sempre vem no tempo dele e do modo que lhe convier. Mesmo que este modo me assuste, me cause estranheza, mas ele vem.

UM DOS DISCÍPULOS DE JESUS DESEJOU IMITÁ-LO

Quando os discípulos viram Jesus ficaram apavorados, pensando que era um fantasma. Certamente que no escuro não conseguiam visualizar a pessoa de Jesus mas somente uma forma humana caminhando sobre as águas. A cena era impressionante e ficou mais ainda pelo fato de o Senhor Jesus ter continuado caminhando em frente, passando adiante deles (Mr 6.48). Eles começaram a gritar assustados mas Jesus imediatamente se identificou, animou seus discípulos e os tranquilizou. Marcos e João narram apenas que Jesus subiu para junto deles, no barco, que ficaram admirados e que o receberam com bom ânimo. Mas Mateus deixou um legado precioso para os leitores do seu Evangelho, o fato de Pedro ter desejado andar sobre o mar também.

É um episódio conhecido, pregado, explorado, cantado, ensinado etc. Mas é um episódio que continua valendo a pena ser analisado com critério e clareza pois é riquíssimo em ensinamentos práticos para o cristianismo.

1. O motivo pelo qual Pedro desejou andar sobre as águas (Mt 14.28) - Ele pôs em dúvida a palavra de Jesus. O Senhor já havia dito que era ele, que não deveriam temer. Os outros ouviram e creram. Conheciam a voz do seu Mestre, a sua maneira de falar e se alegraram. Mas Pedro ficou em dúvida. A palavra de Cristo não lhe bastou. Resolveu, então, fazer um teste que, dando certo, lhe proporcionaria o prazer pessoal de andar sobre as águas assim como Jesus havia feito.

2. O resultado do teste (Mt 14.29) - Inicialmente deu certo. Pedro desceu do barco e foi andando ao encontro de Jesus. Mas, em determinado momento, sentindo o vento, teve medo e começou a afundar aos gritos pedindo ao Senhor que o salvasse. Jesus teve que salvá-lo estendendo a mão e segurando-o com firmeza.

3. A reação de Jesus (Mt 14.31) - Além de salvar Pedro, Jesus o repreendeu com severidade chamando-o de **homem de pouca fé** e perguntando por que **duvidara**.

Os que gostam de utilizar este texto para dizer que podemos fazer coisas impossíveis, para se sentirem poderosos em si próprios, dizem que Jesus repreendeu a Pedro porque ele duvidou de que poderia andar sobre as águas. Claro que não foi isso. Pedro não poderia andar sobre as águas somente porque cria assim. A

terrível advertência de Jesus contra aqueles que fazem tropeçar os que crêem nele: seria melhor que tivessem pedras pesadíssimas amarradas aos seus pescoços e que fossem lançados no abismo mais profundo do mar. Melhor do que o que? Melhor por que? Certamente Deus cobrará de maneira terrível.

4. Considerar a importância do servo de Cristo, como indivíduo, é primordial para não fazê-lo tropeçar.

“Não desprezeis a qualquer destes pequeninos” foi a palavra de Jesus para indicar a necessidade de os seus discípulos não desprezarem o mais humilde dos crentes em Cristo. Não deveriam desprezar porque para Deus são importantes. Tão importantes que mensageiros celestiais cuidam deles pessoalmente. Pessoas há que afirmem que Jesus está ensinando a respeito do que se convencionais chamar “anjo da guarda” das crianças, que seriam seres celestiais que vivem ao lado das crianças para guardá-las (Mt 18.10). Mas não é verdade. Ele disse que os anjos estão no céu e, além disso, estava utilizando um menino apenas para exemplificar os humildes que creram nele como Salvador (Mr 9.41,42). Na realidade, Jesus demonstrou a importância do cuidado que se deve ter com os que crêem nele, de três maneiras: a) mostrando a sua importância para Deus, através da

referência aos seus anjos no céu; b) mostrando a importância para ele próprio, o Bom Pastor, narrando a parábola da ovelha perdida; c) mostrando a importância para a igreja, instruindo a respeito de como se deve proceder com o irmão que peca e a respeito da presença dele, Jesus Cristo, onde estiverem dois ou três reunidos em nome dele, servindo como intermediário das petições a Deus (Mt 18.11-20).

O DEVER DE CUIDAR DE SI PRÓPRIO PARA NÃO SERVIR DE ESCÂNDALO - Mt 18.7-9

É impossível que não aconteçam escândalos, mas o crente deve cuidar com rigor para que não venha de si próprio. O rigor é demonstrado nos recursos extremos que são referidos por Jesus e no castigo que também é referido por ele para os que provocam escândalo. Um castigo que demonstra que, na realidade, os que lançam tropeços não são herdeiros do reino de Deus, porém herdeiros do castigo eterno.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Lucas 17.1-10

Terça - Mateus 16.13-23

Quarta - Mateus 18.1-14

Quinta - Romanos 14.13-19

Sexta - 1 Coríntios 8.9-12

Sábado - 1 Pedro 2.1-10

Estudo 40

JESUS ENSINA A RESPEITO DOS ESCÂNDALOS

~~Textos: Mateus 17.22-27; 18.1-20; Marcos 9.30-50; Lucas 9.43-56~~

Jesus havia passado pela experiência da transfiguração e da expulsão de um demônio que seus discípulos não puderam expulsar, demonstrando assim, mais uma vez, a sua natureza e o seu poder sobrenatural de Filho de Deus. Saindo dali dirigiu-se à Galiléia (o que significa que o monte onde fora transfigurado estava fora daquela região), caminhando e ensinando aos seus discípulos a respeito da sua morte e ressurreição, insistindo para que dessem atenção aos seus ensinamentos (Lc 9.44), até que chegou a Cafarnaum e entrou em sua casa (Mr 9.33), pois não desejava que soubessem que ele estava ali. Ao que parece Pedro ficou mais atrás, do lado de fora, e foi alcançado por cobradores de impostos que, dirigindo-se a ele, perguntaram se Jesus não pagava impostos. Pedro respondeu que sim e dirigiu-se para dentro de casa. Assim que entrou, Jesus colocou uma questão diante dele que demonstrava a filiação que ele próprio tinha com Deus, e t a m b é m

seus discípulos: os reis da terra costumavam cobrar impostos dos seus próprios filhos ou dos estranhos? Pedro respondeu que era dos estranhos. Jesus, então, disse que os filhos do reino estão isentos.

Em seguida introduz um tema que passou a ser ensinado por ele: Os escândalos. Ao “costurarmos” os textos sinóticos nos três Evangelhos, percebemos que há uma gradação de ensinamentos, a saber: a) Os filhos do reino não devem escandalizar os que estão de fora; b) Os filhos do reino precisam ser convertidos em pessoas humildes como as crianças para que possam, de fato, entrar no reino dos céus; c) Os filhos do reino não devem escandalizar seus próprios irmãos; d) Os filhos do reino devem se esforçar por eliminar de si próprios os elementos de escândalo pessoal; e) O reconhecimento do perdão de Deus é o elemento principal para que o discípulo de Cristo não escandalize seu irmão.

Vamos estudar cada um destes ensinamentos.

OS FILHOS DO REINO NÃO DEVEM ESCANDALIZAR OS DE FORA - Mt 17.24-27

Há muito que os de fora do reino de Deus gostam de fazer cobranças aos discípulos de Jesus Cristo. Não fazem tão interessados em uma moralidade perfeita, ou em uma convivência harmoniosa social, quanto em provocar e zombar dos servos de Cristo e, em última instância, do próprio Senhor Jesus. Esse texto é uma prova disso. Sendo conhecedor dos corações dos homens, Jesus sabia o que os cobradores desejavam e sabia, também, que Pedro havia respondido aleatoriamente, somente com o propósito de dar uma satisfação ou de se livrar daqueles que o importunavam. Demonstrou ao seu discípulo que ele, na verdade, deveria estar isento de qualquer cobrança, já que era filho do próprio Deus, Senhor de todas as coisas. Mas logo tratou de providenciar para que seu imposto fosse pago e fez isso para não escandalizar os de fora.

O que ensinou e a maneira como providenciou o pagamento do seu imposto, deixou para seus discípulos duas lições:

1. Há situações sociais, do meio em que o crente vive, que devem ser cumpridas, independentemente de serem justas ou não, a fim de não permitir escândalos. O imposto das duas dracmas devia ser pago

anualmente por todo judeu do sexo masculino e deveria ser dedicado ao sustento do serviço do Templo (Ex. 30.11-16). No entanto, desde que os judeus estavam sob domínio romano, o imposto era pago para Roma. De qualquer maneira não era justo que Jesus o pagasse: sendo o Filho de Deus, o serviço do Templo era dedicado a ele; sendo judeu, filho do reino de Israel, não era justo pagar imposto para os que não eram filhos do reino.

2. O crente em Cristo deve trabalhar para cumprir suas obrigações sociais, consciente de que o seu sustento vem de Deus.

Jesus mandou que Pedro fizesse o que ele mais sabia fazer: pescar. Que desenvolvesse atividades físicas indo até o mar e lançando o seu anzol; que tivesse paciência em fisgar o peixe, que tirasse o peixe para fora da água e que lhe abrisse a boca, porque nela estaria um estáter, valor suficiente para pagar o imposto (um estáter valia exatamente quatro dracmas) tanto por Jesus, quanto por Pedro. Ele trabalharia, mas o Senhor o abençoaria no seu trabalho.

OS FILHOS DO REINO NÃO DEVEM ESCANDALIZAR SEUS IRMÃOS - Mt 18.1-7,10-14; Mr 9.33-42; Lc 9.46-50

Depois de receber a Pedro e ensiná-lo a não escandalizar os de fora, Jesus recebe os seus outros

discípulos e, imediatamente, lhe dirige uma pergunta que lhe deu oportunidade de ensinar a respeito dos escândalos internos, no seio do próprio corpo de discípulos de Cristo. Algumas versões utilizam, corretamente, o verbo *tropeço*, ao invés de *escândalo*, uma vez que é o principal significado da palavra grega *scandalizo*. Jesus estava ensinando, então, a respeito de o filho do reino não fazer tropeçar seus próprios irmãos, também crentes em Cristo. Deixou para nós os seguintes ensinamentos:

1. É preciso ser humilde para não fazer o irmão tropeçar. Jesus trouxe à tona a arrogância íntima de seus próprios discípulos que vinham pelo caminho a discutir quem seria o maior no reino dos céus. Através de gestos, em diversas ocasiões, demonstrou a sua própria humildade e esta foi uma das ocasiões: chamou uma criança e colocou-a no meio deles (os judeus não davam atenção às crianças a ponto de torná-las o centro das atenções) e tomou-a em seus braços, abraçando-a (muito menos teriam gestos de comunhão em público). Ato contínuo fez uma declaração decepcionante para aqueles que queriam ser os maiores no reino dos céus: se quisessem ser herdeiros do reino dos céus, de fato, teriam que regredir em sua soberba, teriam que se converter em seres tão humildes, desinteressados em posição social, dependentes, como

uma criança o é. A manifestação do apóstolo João, dizendo que proibiram um homem de expulsar demônios **em nome de Cristo**, foi a demonstração de soberba daqueles que se sentiam **donos** do reino de Deus e capazes de proibir alguém de utilizar o nome de Cristo (Lc 9.49).

2. O verdadeiro servo de Cristo tem amor para com seus irmãos, mesmo para com os que considera mais humildes. O soberbo não tem Jesus Cristo. Foi isso que ele demonstrou ao ensinar que para alguém recebe-lo e, conseqüentemente, receber o Pai, precisa receber, primeiramente o seu irmão que considera menor, mais humilde, sem sabedoria e completamente dependente. Há uma passagem bíblica, encontrada em 1 João 4.20 que é perfeitamente lógica e terrivelmente impressionante: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” É esse amor, é essa consideração que fará uma barreira intransponível contra os tropeços. Como fazer tropeçar se recebermos os que consideramos fracos, ainda mais nos considerando, também, fracos?

3. Escandalizar um servo de Cristo, fazendo-o tropeçar, é encarado por Jesus Cristo como algo de terríveis conseqüências para quem escandaliza. Em Mat 18.6 encontramos